

Santos Lemos

# SANGUE no 311



Série:

**Crimes  
Que  
Abalaram  
Caxias**

nº 1

REPER EDITORA

Do mesmo autor, no prelo:

NEGO SABARA — N. 2 da Série: Crimes que abalaram Caxias.

1 9 6 7

REPER EDITORA E PUBLICIDADE

Rua Senador Dantas, 117 — Cob. 01 — Tel. 42-64-19

Rio de Janeiro

SANTOS LEMOS

# SANGUE NO 311

Presos, vivos ou mortos, desapareciam do Xadrez, tomando destino ignorado. O repórter, inspirado no cadáver de uma criança, desvendou o grande mistério.

REPER EDITORA



Rio de Janeiro

1 9 6 7

A meus pais

A minha professora Noemi Pôrto de Menezes

Ao meu professor Jayme de Souza Martins

A minha esposa, aos meus filhos Silmar, Silbert, Silvan e Silvenir, inclusive Silnei, que uma fatal guloseima não permitiu que nem aprendesse a lêr.

## APRESENTAÇÃO

*Durante muitos anos o povo fluminense aprendeu muita coisa sôbre muitos crimes, graças aos noticiários espetaculares que determinados jornais inseriam logo na sua primeira página. Na verdade alguns jornais que hoje existem nasceram, viveram, vivem e viverão ainda por muito tempo, às custas dos crimes e principalmente dos crimes de Caxias.*

*A verdade é que crime para ser crime, tem que ser praticado em Duque de Caxias, terra que se tornou legendaria graças à ação do deputado Tenório Cavalcanti e as presenças constantes na delegacia municipal de delegados famosos como Imperato, Mont Karp e Amyl Ney Richaid (hoje ex-deputado estadual).*

*Muita coisa veio à baila e muita coisa ficou para ser dita. Bandidos como Sabará, Sete Dedos, Mineirinho, Lilico e Cocute, quase todos mortos, representam na história criminal de Duque de Caxias, páginas negras e tristes.*

*Entretanto, os fatos fazem parte da história desta terra. Ninguém poderá modificar as marcas que o destino sangrento dêstes e muitos outros bandidos e assassinos, deixaram nas ruas e nos lares do município.*

*Este será um livro que vai receber as mais sérias críticas e que provocará os maiores protestos. A verdade que êle apresenta é dura e bem poucos vão aceitá-la.*

*A primeira dificuldade em realizá-lo foi a de encontrar o elemento capaz de tal empreendimento; um homem que conhecesse a fundo os caminhos de miséria que o sub-mundo*

## SANTOS LEMOS

*pudesse apresentar e que tivesse sido testemunha dos atos mais selvagens praticados neste horrendo sub-mundo.*

*Durante mais de quinze anos Santos Lemos viveu neste mundo. Chegou a ser correspondente de oito jornais da antiga capital Federal. Talvez, fôsse ele próprio o responsável pela terrível cruz que Duque de Caxias carrega até hoje: a de terra de bandidos. O ambiente asqueroso chegou a transformá-lo num alcoólatra quando buscava apagar com a bebida a imagem da podridão em que vivia.*

*Hoje, Santos Lemos é um advogado e um homem que não suporta nem ouvir falar em bebida alcoólica. Um homem completamente recuperado que, como Caxias, arrasta a má fama que adquiriu.*

*Duque de Caxias de tão má fama, mas que hoje já contribuiu de forma desassombrada para a cultura do país, trazendo gente nova para o mundo literário, se sente realmente orgulhosa de contar com esse novo Santos Lemos e com um trabalho acima de tudo corajoso, que muito bem identifica a sua excelente condição de repórter.*

*Este livro é uma reportagem dos crimes que ocorreram em Duque de Caxias, suas verdades e seus dramas.*

*Talvez seja esse o primeiro grito lançado contra métodos superados até hoje usados no combate ao crime.*

*O leitor vai ter momentos em que vai sentir nojo, mas, toda a engrenagem dos crimes até hoje escondida, vem à luz clamando por justiça.*

LAIS COSTA VELHO

## CAXIAS — SANTOS LEMOS; DUQUE DE CAXIAS — SILBERT

Sou dos que não conheceu este período triste de Duque de Caxias.

Sou duque-caxiense a partir da década de 60. Os Idos de Março de 1964 trouxeram para a cidade tranquilidade, alívio, enfim a limpeza que esse povo bom e ordeiro tanto merecia.

Conheço Silbert há a 1 ano e tenho por ele uma afinidade que parece ser amizade de lustros.

O Santos Lemos conheci por ouvir dizer e por algumas histórias contadas pelo próprio Silbert.

No meu entender, Santos Lemos sofreu uma transformação tão grande como a de Caxias para se transformar definitivamente em Duque de Caxias.

Se não sabem, apresento-lhes. Silbert e Santos Lemos são o mesmo repórter daquela época, o mesmo amigo de hoje.

Homem de espírito irrequieto e sempre em busca de alguma coisa. Tanto isso é verdade que no mesmo tempo e hora, nas curtas 24 horas diárias, está ele sempre às voltas com suas três profissões: jornalista (repórter), policial (escrivão de polícia à beira de ir a delegado) e advogado. Profissões que se entrelaçam entre si na personalidade toda especial desse homem de pouca estatura, mas muito experiência e saber. Nas horas vagas ele se entrega e se ilustra com aquilo que é, realmente, a sua paixão — a literatura.

Lidando toda a sua vida com as letras, nota-se que não poderia ser outra a sua paixão. Bom leitor e melhor aproveitador,

SANTOS LEMOS

nos traz agora êle, iniciando uma obra da qual muito se esperu o seu grande sonho.

"Sangue no 311" primeiro livro publicado de Silbert dos Santos Lemos, nos mostra a "Caxias City", seus homens de então, nos mostra em fim uma cidade entregue a facinoras, malfadados uma cidade entregue a facinoras, malfadados nomes que fizeram dela uma cidade triste, sem futuro.

Para mim, é o livro uma reportagem que não foi escrita. Forçosamente será motivo para discussões e opiniões desencontradas, mas antes de tudo é, um livro verdade, um depoimento valioso, porque o autor viveu e viveu intensamente, os tempos quentes de então. Por isso é válido e mais ainda: por seu estilo próprio de um repórter (que não esconde, pelo contrário projeta a veia de romancista que surgirá) detalhando passagens impressionantes, trazendo luz sôbre escuridões antigas.

Creio que Santos Lemos chamou para si várias responsabilidades, e a maior delas, a meu ver, é a de que terá que chegar ao fim da série com uma análise profunda sôbre todos os acontecimentos passados e suas implicações sociológicas no desenvolvimento de Duque de Caxias.

Feito tal, teremos então o verdadeiro romance duque-caxiense, por aquêle que acompanhou par e passo o desenvolvimento sócio-cultural da Cidade.

É portanto, no meu entender, Silbert a pessoa mais indicada para tal, pois foi participante, das primeiras linhas, da história e é figura ativa no crescente e seletivo movimento, artístico-literário de Duque de Caxias.

Esta é a obra que nos dá uma medida exata da cidade na década de 1950.

Este é o homem que teve a suprema coragem de nos apresentar a verdade daquele período.

LAURO DA SILVA MELLO



## PREFÁCIO

A idéia dêste livro nasceu com as primeiras desilusões na imprensa. Trata-se daquela decepção, que, quando nasce o dia, ou quando chega a tarde, vem com o matutino ou com o vespertino: quase não reconheço a minha própria matéria, tão diferente saiu publicada do que por mim foi escrita. O móvel do crime era outro, o local idem, as circunstâncias também. Só falta a vítima ser o criminoso, e o criminoso, a vítima...

A simples testemunha toma fôro de "pivot", principalmente quando é ela uma mulher bonita...

Erros tão gritantes — tão gritantes como a própria irresponsabilidade do redator ou do secretário — que o repórter tem vergonha de ser apontado como setorista do local do evento. E logo surgem os protestos, as ameaças, as tentativas de agressão ou mesmo de homicídio. Todos acusam o pobre "caçador de bonecos" de responsável. O que menos se consegue é a injúria de se ser covarde, de fugir às consequências do ato que não praticou.

Quando não sai errado, não se lê uma linha, pois tudo depende do espaço, ou da opinião do secretário do jornal a respeito da nota enviada. E quando se reclama, é aquele berro, é aquele murro na mesa:

— Você não tem nada com isto. A matéria sai se eu quizer e da maneira que eu bem entender!

Sim, porque a bem da verdade, quem menos tem direito a uma opinião sôbre um fato no jornal, é exatamente o repórter daquele jornal, que praticamente assistiu aquêle fato.

Repórter não é redator, não é colunista, não é cronista. É aquela peça "sine qua non" na máquina de um órgão de imprensa: obscura, desconhecida e não prestigiada. Sem

o repórter a engrenagem não funciona, mas dêle não se fala, a não ser aos berros, principalmente quando solicita um vale sôbre o ordenado atrozado já há dois ou três meses.

Quando os meus primeiros filhos nasceram foram todos registrados no Rio. Deus me livre ter filho caxiense! Mas, com o passar dos anos, foi crescendo dentro de mim, um amor à terra de Lima e Silva, e com êle um desejo de publicar a verdade, doesse a quem doesse, inclusive o lado bom do município.

Meus últimos filhos já foram registrados no Cartório de Gastão Reis, e realizei diversas tentativas de informar ao público os fatos como de real ocorreram, de divulgar o lado positivo de nossa gente.

Assim nasceram o "Caxias Society", na "Folha de Caxias"; o semanário "Tribuna de Defesa", com o Dr. Odir de Araújo; e a revista "A Verdade", com J. Bráulio.

Dei com os burros n'água: morreram a crônica, o hebdomadário, e, se sumiu a "Verdade", de *v* maiúsculo e entre aspas, ficou a verdade, simples e humilde, sem ostentações, aguardando a sua vez.

Parece que esta vez chegou.

A verdade está chegando por intermédio dêste livro, que deu-me a oportunidade de publicar aquilo que a imprensa carioca, na qual trabalho já há 16 anos como repórter de setor de Duque de Caxias, não teve a coragem de publicar, ou se o fez, fez mal, com incorreções, culposas e dolosas.

A verdade vem surgindo, como uma escola de samba que desce o morro, ouvindo-se já, ao longe, o batuque de sua bateria, o fru-fru das saias das balizas. A verdade vem surgindo como bolas de ar, exaladas dos pulmões do afogado no Canal Meriti, que emergem à tona, denunciando o crime. A verdade vem surgindo, como a carêta de um monstro, que nas noites de insônia de um alcoólatra, aparece do tamanho de uma cabeça de alfinete, e vai crescendo, crescendo, até dominar todo o quarto.

Este é o primeiro volume de uma série de verdades: "Crimes que abalaram Caxias". Esta é a primeira verdade: "Sangue no 311".

Este livro, além de ser uma verdade, é uma reportagem. A reportagem que não foi escrita.

O AUTOR

## CAPITULO I

### O VENDEDOR DE QUEIJO

O carcomido prédio 311 da Av. Plínio Casado vivia um dos seus dias mais calmos. Mas nem por isto estava menos movimentado, pois dezenas de pessoas, entre policiais e queixosos, transitavam por suas dependências, num corre-corre ininterrupto, diuturnamente, durante horas afindo.

Era um prédio velho, antiga residência, de duas salas, dois quartos, varanda, cozinha e banheiro, com um grande quintal, que dava fundos para a frente da "Fortaleza" do Deputado Tenório Cavalcanti. Casa velha, caindo aos pedaços, cujo assoalho, de compridas tábuas, comidas pelo cupim e pelo tempo, apodrecia a olhos vistos, com buracos oferecendo perigo. Mas ninguém com isto se incomodava, preferindo saltar, com uma blasfêmia, do que mesmo tomar uma providência.

A primeira sala era o local onde se encontrava o plantão, geralmente um "alcaguete", dos inúmeros que proliferavam nos idos de 53, com credenciais assinadas pelo Coronel Barcelos Feio. Esta sala era apelidada de "balcão", pois ali acharques era realizados, "vendiam-se" prisões e solturas, com a participação na maioria das vezes, do próprio Comissário, e quando muito do Delegado. Seu gabinete ficava situado logo ao lado — um dos quartos. Na parede, um retrato do Coronel Feio, entre o do Governador Amaral Peixoto e do Presidente Vargas. Uma escrivaninha, atrás do qual ficava sempre à mão, um grosso porrete, e

## SANTOS LEMOS

duas cadeiras. Janela para a Av. Plínio Casado, e ao lado, para um beco, que ia dar no Protocolo, cuja cadeira cativa, pertencia à D. Maria Lópes, a Maria "Quebra Galho".

Naquela escrivania, sentaram-se Delegados de prestígio no Estado do Rio, de nome na História da Polícia Fluminense, como Amyl Ney Rechaid, Capitão Abílio Vieira, Dr. Wilson Frederici e outros. O último tinha sido o Dr. Albino de Souza Martins Imparato, metralhado, meses atrás, em companhia de dois "alcaguetes", um sobrevivente. O inquérito a respeito da morte de Imparato, presidido pelo Dr. Wilson Frederici, já fora ajuizado, com sumário realizado pelo Juiz Navega Creton, o mesmo magistrado que deferira o pedido de busca e apreensão, com arrombamento, na residência de Tenório. A situação do magistrado era ótima iria a desembargador; a de Tenório, regular, diante de suas imunidades parlamentares; a de Cícero e Pedro Tenório, péssima, com julgamento no Tribunal de Júri, já de data marcada.

Inquérito terminado, a polícia, praticamente, estava de parabéns e de férias, mas nem por isto o índice de criminalidade diminuira. Bem, pelo contrário, parecia que os malandros, ladrões, rufiões e pistoleiros, certos que as autoridades, só se incomodavam com o "Homem da Capa Preta", aumentavam os seus crimes, baseados na gritante impunidade.

Criminosos incursos nas mais diferentes penas do Código Penal, transitavam pela cidade, os mais audaciosos pela porta da Delegacia, quando não descansavam na varanda rústica, batendo amistosos "papos" com os investigadores, soldados e "alcaguetes".

Um deles estacionou uma bicicleta ao meio fio tendo o cuidado de encostar bem na calçada, de maneira que o bicicle não caísse. Demorou-se em verificar que alguns queijos, solidamente amarrados no porta-bagagem, não iriam ser arrancados com facilidade. E satisfeito, entrou. Passou pela varanda e foi dire'lo, como um conhecedor do imóvel, ao cartório, estreito quartinho, onde três escrivães batiam à máquina: Pedro Balduino Lacerda, Pedro Paulo Autran e Wilson da Silva Jardim. Com êste último, palestrou, entre risos e brincadeiras, terminando por convidá-lo a tomar um clássico cafèzinho. Abandonaram o prédio, ganharam a calçada de chão batido, e dirigiram-se ao Bar Líder, apelidado pela imprensa de "Paralelo 38", fronteira entre a Polícia e a "fortaleza" de Tenório. O escrivão Jardim cumprimentou os guardas de trânsito, cuja inspetoria ficava ao lado, ao barbeiro, ao despachante Sebastião Siqueira, mais

conhecido como "Chui", ao alfaiate Ortogomero Teixeira de Melo e entraram no botequim. Palestraram mais demoradamente, o vendedor de queijo sempre solícito e gentil, o escrivão, sempre simples, rindo também, mas com a mão na pistola 7,65, que portava à cintura, descoberta.

Voltaram, e à porta da Delegacia, Jardim olhou para êste velho repórter, cujo olhar foi seguido pelo vendedor de queijo, dono da bicicleta. O escrivão entrou, passando por mim, debruçado no peitoril da varanda, aguardando os acontecimentos. O outro, ficou atrás, verificando se a sua mercadoria estava intacta, e depois, satisfeito, veio em minha direção:

— Mõço, você é que é repórter de "O Dia"?

— Sim, sou eu.

Sua cabeça de "pau de arara" balançou, enquanto seus olhinhos brilharam e um ríus surgiu à sua bôca:

— Escute aqui, eu não sou maconheiro, não senhor. Sou homem para "esfriar" qualquer "cabra safado", que aderespeite minha mulher, mas nunca botei a tai de maconha na minha bôca. Como é que o senhor diz em seu jornal que eu sou maconheiro?

Vi que o "cara" era dos bons, pronto para o que desse e viesse. Seus olhos espertos demonstravam inteligência e sagacidade; sua bôca e seus gestos nervosos, alta periculosidade; seu aspecto e origem — do Nordeste —, inclinação para o homicídio, por "me dá lá aquela palha".

— Mas quem disse que você é maconheiro? Vamos começar pelo princípio: quem é você e o que faz na vida, além de ser brabo?

— Não sou brabo, não. Sou é homem. Meti o ferro no cabra porque êle aderespeitou a minha mulher, mas não toco em maconha. Êle chegou na minha quitanda, lá no Centenário, dizendo que queria comprar tomates, mas que não fôssem os tomates do marido dela... "Nena" me contou e eu fiz o bicho. Morreu no Getúlio Vargas semanas adispois. Tá aqui no jornal, "O Dia".

E exibiu um recorte do jornal em que eu trabalhava, datado de meses atrás, onde se lia que um perigoso maconheiro, dono de uma quitanda na Rua Seabra Sobrinho, no bairro do Centenário, matara a golpe de "peixeira" um pobre operário, porque brincara com a mulher — conhecida por "Nena" — do comerciante, famoso pelas suas valentias e tráfico de maconha.

Devolvi o recorte e esclareci:

— Estou por fora, meu amigo. Estou aqui no setor de Caxias há pouco tempo. Esta nota não é minha. Ê do meu antecessor,

SANTOS LEMOS

Barreira, que agora está no plantão da madrugada, na redação. Eu e êle trocamos de setor.

E completando:

— Não sei nada disto. Você deve se dirigir à redação. Lá eles fazem a retificação, publicam as suas declarações. Mas como é o seu nome?

Os olhinhos brilharam outra vez. E num gesto largo:

— Armando de Belo França.

Recuou para a sua bicicleta, tornou a conferir seus queijos, da venda dos quais vivia, e numa guiza de indelével despediu-se.

— Por causa disto é que eu não gosto de repórter e nem de jornal.

Montou no biciclo, fêz uma curva graciosa, e rumou para o Centenário.

## CAPITULO II

### O CANAL DA MORTE

Constituída em quase sua maioria, por elementos incapazes, pistoleiros profissionais afilhados de políticos do P.S.D., a polícia fluminense, principalmente a destacada em Duque de Caxias, deixava muito a desejar, em detrimento dos verdadeiros policiais, que se sentiam constrangidos diante de tais "colegas", "alcaguetes", de revólver e "peixeira" à cinta e muitos crimes nas costas.

Foi quando mais se aplicou o novo método de tortura nos presos, o "pau de arara".

O sujeito, forçado a ficar de cócoras, com as mãos estendidas à frente dos joelhos, tendo os pulsos amarrados por uma corda, que lhe envolve também a cabeça. Um pau atravessa a abertura formada pelos braços e pelas pernas, por debaixo das juntas, ficando suspenso nas duas extremidades por mesas ou armários. E o corpo permanece no ar, manietado, imobilizado, a cabeça para baixo.

Era o novo instrumento de suplício, adotado em Caxias, para substituir os espancamentos, as borrachadas, os bolos de palmatórias, que deixavam indistigáveis provas materiais da sevícia. Passando horas a fio em tão incômoda posição torturado pelo cansaço e pela dor das cordas pressionadas nos pulsos, o desgraçado acabava confessando tudo — até mesmo os crimes que nunca cometera ou nem mesmo pensou cometê-los.

## SANTOS LEMOS

As vezes, era aplicado em verdadeiros ladrões, mas, de quando em quando, em pobres operários, sem culpa no cartório, apenas suspeitos.

Mas um erro não justifica outro. O "pau de arara" era e é ainda suplício, de culpados e de inocentes. É um método medieval, que avilta os nossos foros de gente civilizada. Por essa e por outras razões é que a lei reguladora do processo penal dá muito pouca importância às confissões de acusados feitas na Polícia. Elas nem chegam a constituir propriamente uma prova para o juiz. São meras peças informativas.

Mas isto só acontecia quando o "amigo do alheio" caía nas garras da polícia, o que era raro. Na maioria das vezes, a queixa do roubo, nem era registrada, a menos que gordas gorgelas saíssem de um bolso para outro. Prêso o ladrão, dava o serviço no "pau de arara" do intrujão, que por sua vez subornava o desonesto chefe da seção de Roubos e Furtos com vultosa quantia, sendo posto imediatamente em liberdade. Quanto ao ladrão, este ficava, saindo para o cacete, todo dia. A maior maldade não se constituía propriamente nas pancadas e sim na amarga espera da hora marcada pelo "dedo duro":

— Prepara teu couro, que log omais, às 2 horas, vais falar comigo!

O pobre diabo ficava desde então pensando nas torturas que lhe seriam infringidas durante a madrugada e — o que era o principal — não sabia se sobreviveria. Seu temor tinha sua razão de ser pois muitos sucumbiam diante das pancadas nos rins, fígado e coração, já com o intuito de inutilizar o marginal ou provocar-lhe uma doença incurável, que se manifestaria dali há dias, redundando em morte semanas depois.

Naquela época, em 1953, segundo relato do ex-assaltante Ismael Rodrigues da Silva, vulgo "Sabará", havia o conluio entre as autoridades caxienses e o Hospital Getúlio Vargas, no sentido de que uma injeção aplicada em local pré-determinado e de drogas fatais, eliminaria sumariamente o mau elemento, que persistia em agir na Baixada Fluminense, e que fôra ferido pela polícia ou por outros marginais.

"Sabará" foi um dos poucos que se salvou, cuja história merece um livro à parte.

Enquanto isto, na mesma proporção dos crimes, os mais variados, que se sucediam de maneira ininterrupta em Caxias, surgiam os cadáveres ao longo da Estrada Rio—Petrópolis, na linha férrea ou no Canal Meriti.



## SANGUE NO 311

Paralelo ao processo "sui generis" da Polícia de Caxias de eliminar os marginais neste canal, a Estrada de Ferro Leopoldina Railway, contribuía, de maneira assustadora, para aumentar o número de mortos no seio daquelas águas escuras.

Logo após à barreira de Vigário Geral, no Estado da Guanabara, está localizada uma ponte de ferro, que era — e ainda é, se bem que em menores proporções — um verdadeiro mata-douro de "pingentes". O trem da Leopoldina, na hora do "rusch" trafegava abarrotado de passageiros. Lotado no interior, os passageiros se viam obrigados a viajarem pendurados, como bananas em cacho. Na ponte mencionada, os "pingentes" batiam com a cabeça nos ferros salientes da ponte para precipitarem nas escuras águas do canal. Quando não morriam da pancada, pereciam afogados. E isto era quase que diariamente.

Era nossa intenção, apresentar uma estatística das vítimas dessa ponte fatídica. Entretanto, não nos foi possível, porquanto nem a polícia e muito menos a Leopoldina conhecem o número exato das mortes ou de corpos ali encontrados, algumas das vezes, provenientes do carcomido prédio 311. Alegaram aquelas autoridades que na maioria dos casos, os cadáveres não são encontrados, desconhecendo-se, assim, se as vítimas faleceram ou foram socorridos a tempo.

Exemplificando o acima registrado, houve a queda de um desconhecido de 18 anos presumíveis, de cor preta, trajando calça cáqui e camiseta branca. Desapareceu logo a seguir e quando a polícia compareceu ao local, encontrou apenas um boné, boiando.

Muitas vezes, os passageiros ou o chefe do trem não se davam ao trabalho de comunicar o fato às autoridades. Os corpos apareciam no então Distrito Federal, levados pela correnteza, com fratura do crânio — cabeça no ferro saliente da ponte — e a polícia carioca registrava o fato como bárbaro homicídio praticado com uma barra de ferro. E no dia seguinte, "O Dia" e a "A Notícia" publicavam o "homicídio" em manchetes berrantes.

Meses após a morte do Delegado Imperato as autoridades do então 21º D. P. estavam empenhadas em desvendar o que elas chamaram de "crime de morte misterioso": apareceu boiando

no Rio Meriti, na jurisdição daquele distrito, o corpo de um homem, apresentando profundo ferimento na cabeça.

— Foi pancada!

— Porrete ou barra de ferro!

— É troço de desafeto ou de mulher enciumada.

O caso foi entregue à Polícia Técnica e os nossos "Sherlocks" de boné e lente, andaram às cegas, sem ter por onde começar.

No entretanto, o cadáver do rapaz foi arrastado pela correnteza de Canal Meriti, desde a ponte latídica em Caxias até a jurisdição do 21º D.P.; seria, quanto muito, uma vítima da irresponsabilidade do Departamento de Engenharia da Leopoldina ou do Ministério de Viação. O morto não passava de um "pingente" que, como tantos outros, bateu com a cabeça nos ferros salientes da ponte e caiu nágua. Nada de misterioso homicídio.

Mas nem por isto, volta e meia, deixava de aparecer boiando o cadáver, não de um operário, mas sim de um perigoso assaltante à mão armada. Cheguei a antever o corpo, nessas condições, de um então muito comentado e procurado pelos investigadores e "dedos duros" da secção de Roubos e Furtos: "Jorge Bombeiro". Seu verdadeiro nome é Jorge Morais. Tinha 29 anos, era solteiro e trabalhava — às vêzes... — como serralheiro. Residia, na época, na Rua Manuel Vieira, 313.

Contra êle havia a acusação de que sempre agia com cumplicidade de um tal de "Tininho", contraventor de Parque de Diversão. Prêso por soldados da Polícia Militar do Estado do Rio, destacados na Delegacia local, Jorge "Bombeiro" confessou diversos assaltos, inclusive o de que foi vítima o funcionário aposentado da Prefeitura, Sr. Nestor Gonçalves Pereira, branco, casado, então com 39 anos, residente à Rua Itacolomi, 609. O assalto verificou-se na Travessa Vitalina, à uma hora da madrugada do último dia de Carnaval, de 1954.

Mas Jorge "Bombeiro" não foi parar no Canal Meriti, linha férrea ou à margem da Rio—Petrópolis. Foi até mesmo tratado a pão de ló, por circunstâncias por mim desconhecidas, talvez a mesmo porque, inquérito falho, não mereceu decretação de prisão preventiva por parte do Dr. Juiz Navega Creton.

O fato é que Jorge "Bombeiro" era visto dias depois trocando perna pelas empoiradas e imundas ruas de Caxias, principalmente na Pensão da Olinda Macedo, prostíbulo imundo localizado em pleno centro da cidade, em frente a então Prefeitura, hoje Sucursal da "Luta Democrática".

### SANGUE NO 311

Este escapou, mas muitos mereceram cova rasa, transportados de locais diferentes pelo auxiliar de médico legista "ad-hoc" Ernani Martins dos Santos, o homem do rabeção, rumo ao Cemitério do Corte Oito.

Ou então sumiam misteriosamente, na calada da noite, sem que aparecessem, vivos ou mortos, nem ao longo da Estrada Rio—Peiropólis, nem no Canal Meriti. A imprensa deles não dava notícia. Caso tivessem sido removidos para as Delegacias dos vizinhos municípios ou para o então Distrito Federal, os jornais lalariam.

Onde estariam, então?

### CAPITULO III

#### TENÓRIO CAVALCANTI

Um dos poucos homens que mais corajosamente denunciou as arbitrariedades policiais da Polícia Fluminense, na época do Coronel Feio e Governador Amaral Peixoto, foi sem dúvida alguma, o Deputado Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque.

O "Homem de Capa Preta" não dava uma entrevista no jornal que não relatasse as violências policiais, das quais se dizia uma das vítimas. E na Câmara, outro tanto fazia. Quando inaugurou o seu jornal, "Luta Democrática", os ataques passaram a ser diários, em tôdas as páginas, só faltando na de esportes. Era pau nas reportagens, nas crônicas ou nos artigos de fundos, redigidos pelo Promotor Público carioca Pamplona ou pelo advogado Hugo Baldessarini. Posteriormente, coube a Francisco Medeiros Chaves a inútil tarefa, pois ninguém nos atribulários dava jeito, nem quando o próprio diretor do jornal escrevia e assinava.

Quando Tenório assomava, na Câmara Federal, à tribuna para tratar de qualquer assunto de interesse nacional, como o "Plano Aranha" a repercussão de suas palavras ia pouco além da Sala do Café

Bastava, porém que o seu nome fôsse ligado a qualquer episódio da politicagem reinante na cidade de Duque de Caxias,

e logo o fato passava a ser motivo de comentários em todo o País. Os amigos de Tenório na Câmara e nos meios sociais e jornalísticos do Rio conheciam o famoso parlamentar apenas como inteligente, bem humorado e "rainé". Chegavam, mesmo, a duvidar que o político sagaz e o pistoleiro, hábil no manejo de um "45" fôsem a mesma pessoa. O observador insuspeito diria que o famoso representante fluminense tinha essa dupla personalidade. O grande público, entretanto, a desconhecia. (1º)

Antes de conhecê-lo pessoalmente, em meio aos tiroteios que anteciparam a morte de José Dantas, imaginava Tenório com um ar de bandoleiro, o chapéu-côco caído sobre os olhos, a metralhadora "Lurdinha" a surgir indiscretamente por baixo da capa preta ou exibindo as 47 perfurações de bala feitas em seu próprio corpo outras tantas ou mais no corpo dos outros.

Mas Tenório não era apenas isto. Era brincalhão, até mesmo quando o criticavam, seja na imprensa falada ou escrita, ou em filmes, como o "Carnaval em Caxias", da Flama, dirigido por Wanderley e Ieli. Não se importava, Até bem pelo contrário, incentivava, comparecendo aos estúdios, situados na Rua das Laranjeiras, no Rio, demonstrando interesse em saber como iriam retratá-lo no filme. Não se mostrou surpreso com o ponto em que chegou a sua notoriedade, conseguida graças à bala e à faca "peixeira". Ao entrar no "saloon" construído especialmente para a película, em que só a "bomboniere" tem balas de verdade, Tenório não se deu por achado. Com aquêle seu estilo inconfundível puxou uma cadeira e sentou-se para ouvir as explicações dos diretores Wanderley e Ieli. E assistiu à filmagem de várias cenas, algumas turbulentas. Depois escutou a marcha que Humberto Teixeira compôs especialmente para "Carnaval em Caxias" e que dizia assim:

"O seu Honório  
Quando se zanga enfrenta até um batalhão.  
E se êle veste  
A Capa Preta  
Tem velório e rabeção.

(1º) «O Cruzeiro», 5 de dezembro de 1953.

De homem êle nunca teve receio

Seja bonito ou seja "feio"...

Resolve logo a situação

Com um pau de fogo em cada mão.

Mas o aspecto mais interessante da visita de Tenório foi o seu encontro com Honório, isto é, com José Lewgoy devidamente caracterizado. O Deputado pistoleiro fêz censuras à capa preta:

— A minha tem um fôrro de sêda vermelho!

E como lhe mostrassem a metralhadora "Mauser", que no filme desempenhou o papel de "Lurdinha", Tenório não conteve o riso:

— A "Lurdinha" dá 100 tiros; essa, que não dá mais de 20, não serve nem para sair, em Caxias...

O filme conseguiu sucesso, principalmente para a bilheteria e com especialidade no Baixada Fluminense, mas não para determinado grupo, que o considerou ridículo e contraproducente. Pois por mais incrível que pareça, a cidade em si, jamais apreciou tal gênero de publicidade, desprezando as manchetes bombásticas dos jornais "A Notícia" e "Diário da Noite", na maioria das vêzes faltando com a verdade, e sôbre as quais acusavam-se de responsável.

Mas, em que pese a má vontade de certo grupo de Caxias, tido como intelectual e de boa vontade, é à imprensa carioca que Tenório deve a sua tremenda popularidade, que atravessou as fronteiras do país. Poucos homens no Estado do Rio são tão conhecidos como o "Homem da Capa Prêta". Basta dizer que duma feita, o Deputado entrou na faca, isto é, foi se operar no estômago no Hospital dos Servidores, na Rua Sacadura Cabral, onde também já foram acolhidos João Cleofas, Breno da Silveira e muitos outros. Mas todos êstes não deram nem a metade do trabalho que as telefonistas tiveram quando os diários publicaram que Tenório ali estava internado. Choviam as telefonemas de tôda parte, dos subúrbios e dos bairros luxuosos, do operário ao milionário, dos jornais locais e das agências telegráficas.

Se Tenório matou, sempre foi, vamos dizer, na antecipação de uma legítima defesa objetiva ou substantiva, ou putativa. Mas sua "Lurdinha" nunca funcionou para os que apenas o criticam ou ofendem. Há ainda em Caxias, um cidadão de nome Serra Cardoso, que sempre viveu atacando o ex-parlamentar. Bom orador, já fêz discursos até na porta da "Fortaleza", não sendo, nem por isto, sequer incomodado. Tenório espumava de ódio pelos cantos da bôca, mas nada fazia. Até no entêrro de

José Dantas, Serrinha falou. Por qualquer motivo, subia num caixote e desfilhava o rosário de crimes do ex-representante do povo.

Duma feita, Serrinha, em um dos seus grandes dias, deitou falação contra Tenório, na Praça da Emancipação. Juntou gente, uns contra, outros a favor, todos curiosos pelo que pudesse acontecer.

Passava pelo local, o "Pernambuco Bôca Negra", elemento muito ligado a Tenório, que o acompanha como "pedreiro" já há décadas. Chegou, viu e julgou ter vencido: pegou o Serrinha pelo pescoço, e só parou de espancá-lo, quando a vítima desfa-leceu. A multidão assistiu a tudo, quieta, que em briga de brancos, preto não se mete. Era um homem do dono da terra que fazia jus ao dinheiro que lhe é pago, e que dessem graças a Deus, se tudo ficasse nisto mesmo.

Saindo dali, suado, mas satisfeito, "Pernambuco" Bôca Negra", abandonou a vítima estendida na praça e foi contar o feito ao "patrão". Tenório nem sequer deixou-o acabar de falar. Repreendeu-o severamente, chegando mesmo a expulsá-lo de casa. Não admitia que um homem seu espancasse o Serrinha, que deixassem o pobre coitado em paz.

Mas se Serra Cardoso, em seu violento discurso, dissesse que um dia ainda ia matar Tenório, o resultado de tudo isto, seria bem diferente...

Haveria mais uma cruz no cemitério do Corte Oito...

Muitos crimes e excessos foram praticados em Caxias e no ex-Distrito Federal, em nome do ex-parlamentar, sem que a isto êle autorizasse e dicto tomasse conhecimento.

O motorista José Rosa, por exemplo, era amigo de "Teco-teco", e pelas ruas da "pacata cidade fluminense" andou falando muito no nome do ex-parlamentar. O investigador Manuel Ribeiro, também conhecido como "Mané da Banha", hoje Comissário, na época homem de confiança do Delegado Wilson Frederici, não gostou e acabou metendo o chofer no xadrez.

Durante o Carnaval, o então vereador Antônio Carlos de Sá Rego, promoveu bailes populares no Cine Caxias. Lá, em meio à folia e às bebidas, um outro "Pernambuco", também da "Luta Democrática", se excedeu, entrando em choque com o investigador Sebastião Coutinho, que terminou perdoando-o em homenagem ao Deputado. Quando êste soube do fato, pegou o

empregado pelo braço e pessoalmente levou-o à Delegacia, entregando o desordeiro às autoridades.

Não permitia que homem seu abusasse, desprestigiando agentes de autoridade.

Mas quase sempre prestigiava-o, às vèzes em detrimento de sua própria pessoa, como no caso da morte do Policia Rodoviário em Jacareí, São Paulo. Não tinha nada com a história, viu-se envolvido na trama por causa de seu sobrinho, Manuel Tenório, mas comprou a briga, e só parou quando o parente foi absolvido no Tribunal de Júri bandeirante.

No então Distrito Federal, seu auxiliar de escritório, Asclepiades Barbosa de Sousa, foi prêso por portar indevidamente uma arma. Tenório quando soube, foi no seu Cadillac amarelo, dirigido pelo "Domingão", até o distrito carioca e de lá só saiu com o protegido. E nem sequer o censurou. Achava, baseado em sua própria experiência, que todo homem devia andar armado.

Jamais perdia uma oportunidade para fazer seu jôgo político, para atacar o Governo fluminense, sempre denunciando-o por permitir desleixos nas precárias rodovias existentes no Estado, como por exemplo o alagado e intransitável largo trecho da Estrada que conduz à Vassouras. Isto deveu-se em consequência das últimas obras realizadas pela Light para aproveitamento das águas do rio Paraíba, como reforço da represa do Ribeirão das Lajes. Uma grande massa líquida, provocada pelas descargas dessa represa, invadiu, numa extensão de mais de quatrocentos metros, o trecho rodoviário que conduz à Vassouras.

O deputado da oposição mandou brasa na Câmara, sendo seu discurso publicado em "A Notícia".



## CAPITULO IV

### OS "ALCAGUETES"

Eles vinham do Norte ou do Nordeste, muitas das vezes fugidos da Justiça. Aqui chegavam, com ou sem carta de recomendação, apoiavam-se em políticos e ingressavam na Delegacia como "alcaguetes". Mais do que nunca, então, acobertados pela função e pela proteção que já lhes dava até o Delegado, cometiam excessos e desmandos, vivendo de gratificações e acharques.

Eram temidos, porque eram maus. Ninguém mais na Delegacia sabia bater ão bem, e com que rigidez dependuravam um pobre diabo no "pau de arara"! Tinham a imaginação fértil para sevícias medievais ou da Inquisição e uma preferência tôda especial para os órgãos genitais e suas vítimas nem sempre sobreviviam.

Eles vinham como quem não quer nada, às vêzes, para cuidar de seus próprios interesses, de um processo, no qual funcionavam como acusados. Êste foi o caso do ex-vereador Armando de Belo França, incurso nas penas do art. 129, sendo vítima Francisco Martins Domingos dos Santos, fato ocorrido na Rua Seabra Sobrinho, em 6 de agosto de 1953. O processo, preparado por Wilson da Silva Jardim, foi relatado e remetido pelo escrivão Pedro Balduino Lacerda, em 19 do mesmo mês, mas do ano seguinte, sendo registrado no livro 4, fls. 91. Seu advogado, já falecido, era pai do ex-escrevente criminal Carlos Guimarães.

Ele veio cuidar de seu próprio processo, acompanhar bem de perto, fazendo-se simpático e prestativo, sempre solícito e humilde, angariando confiança. Do escrivão, passou para o investigador Salomão Abrahão e depois para o próprio Delegado Amyl Ney Rechard, seu verdadeiro pai, que o levou, praticamente ao cargo de Comissário de fato, com poderes para admitir e demitir, inclusive regressar investigadores que não caissem em suas boas graças. Houve época que quem mandava na Delegacia, não era nem o Código Penal ou de Processo, ou o Delegado.

Era o "seu" Armando de Belo França, que se tornou um dos donos da terra.

Antes porém de conhecer Salomão Abrahão ou Dr. Amyl, ele foi serviçal do Comissário Steel. Duma feita, verificou-se um roubo na Churrascaria Vitória do Martins, situada antes do Corte Oito. Dada a queixa, para lá se dirigiram o Comissário e o "alcaguete". Antes porém, no "Paralelo 38" beberam umas e outras e depois, no prostíbulo, ingeriram mais álcool. Tomaram conhecimento dos detalhes: tratava-se do roubo de um anel de um dos freguêses, que se sentara à mesa em companhia de seis mulheres. Meio bêbedo, quando deu pela coisa, já o tinham feito, vítima que fôra de um "balão apagado", isto é, enquanto cochilava, debruçado à mesa, uma das meretrizes lhe surrupiara um valioso anel. Martins, preocupado com o "bom nome" da bordel, trancara as seis prostitutas em um quarto nu, sem móvel, e chamara a polícia. E eis que o Comissário e o "alcaguete" solícitos atenderam, ambos já ligeiramente embriagados.

Ouviram mais uma vez o caso, entre copos de bom uísque. E foram ver as suspeitas, havia branca, preta e mulata, tôdas gastas, com poucos restos de beleza.

Steel determinou que tôdas se despissem inteiramente, já que a jóia roubada podia estar nas pregas das roupas. Nada.

Examinaram detalhadamente os cantos do quarto, debaixo de um ou dois engradados de cerveja dentro das garrafas, nos cabelos e carapinhas das infelizes.

Nada, o anel tinha sumido como se a terra o tragasse.

Foi quando o velho policial teve a idéia genial, inspirada em vapores alcoólicos: talvez a ladra tivesse ocultado a pequenina jóia, dentro da própria vagina. E, autoritário, com fulcro na sua posição de Comissário, determinou que o auxiliar examinasse uma por uma as seis decaídas, que já tinham copulado por mais de uma vez naquela noite. Mas examinasse MESMO, em suas partes pudendas.

E Armando, com cara de nojo, com dois dedos em riste, introduzia-os nos canais das mulheres, que gozavam o seu embaraço, rindo espalhafatosamente. O coitado, maldizendo a ingrata profissão de "alcaguete" de polícia, odiando o seu superior que lhe dera tão vergonhosa incumbência, prosseguiu até o final, a nauseabunda tarefa.

Mesmo assim nada, e até agora, ninguém sabe onde a jóia foi ocultada. O Comissário Steel, derrotado e não gostando da cara feia de seu subalterno que lavava e relavava os dois dedos indiscretos, determinou que fôsem dados três bolos em cada mão das duplamente infelizes, por via das dúvidas.

Na falta de palmatória, Armando munuiu-se de uma tábua e com elas exemplou as decaídas, com gana, querendo vingar-se do serviço asqueroso que fizera.

Chegando à Delegacia, dirigiu-se imediatamente ao "Paralelo 38", onde com cachaça e muito sabão, tomou a lavar os dois dedos. E, temeroso, levava-os ao nariz, com ritos de nojo. E assim fez durante dias, sem que a maldita caínga saísse.

Mas sua presteza em atender a qualquer determinação lhe valeu posto de destaque entre seus colegas, a ponto de passar a motorista da viatura da Delegacia, que levava para casa, quando o serviço amainava. Seus vizinhos, no bairro do Centenário, começaram a respeitá-lo como investigador, o que ele não corrigia. Bem pelo contrário, arvorava-se até a Comissário, e como um autêntico policial passou a ser, respeitado. Resolvia por lá as ocorrências de pouco vulto, concedendo pareceres e sentenças, distribuindo pancadas e conselhos, como melhor lhe conviesse. Não fugia nos momentos perigosos, enfrentando adversários de arma na mão, cometendo já seus primeiros crimes como policial.

Sua fama dominou os quarteirões, estendeu-se por todo o bairro, sendo procurado e presenteado, convidado a ser compadre de Deus e de todo o Mundo. Passou a ser líder do bairro, seu nome sendo ventilado para a vereança nas próximas eleições. Candidatou-se e venceu por um voto a Erly Teixeira Pinto, de Campos Elíseos. Este sabedor que haveria nova contagem, pediu garantia de vida, certo de que sua morte só iria beneficiar o rival, autor de muitos homicídios. Mas não foi necessário derrame de sangue. A vitória foi dele mesmo e merecida, que lhe serviu de base para a sua vida política, eivada de crimes e contravenções, com muita escola e peixe na Semana Santa.

## SANTOS LEMOS

Nem por isto, de ser um representante do povo, abandonou a Delegacia. Costumava passar por lá, determinando prisões e solturas, nunca indo de encontro a um investigador que "bagulhasse" uma nota do operário ou de português, até mesmo auxiliando. Montou seu escritório ao lado da Delegacia, onde ainda se encontra. Na gestão de seu "pai", o Dr. Amyl Ney Rechaid, era o todo poderoso, a ponto de arrancar o flagrante da máquina do espantado escrivão, rasgando-o à vista do criminoso, sentado ao lado. Bastava ser eleitor do "seu" Armando, para praticar no município o que bem entendesse:

— O vereador Armando "quebra o galho"!

Mas para chegar a êste ponto, muitas mortes praticou, por sua alta recreação ou por determinação superior, sendo as vítimas — é bem verdade — assaltantes irrecuperáveis, maconheiros e ladrões, useiros e vezeiros em diversas modalidades criminais, "cadeeiro" do prédio 311.

Para a perigosa empreitada, Armando usava os seguintes apetrechos: sua pistola calibre "45", uma vela, uma faca tipo "peixeira" e um embrulhinho de maconha.

Tamava as seguintes precauções: falava com o repórter de setor na Delegacia, com o Delegado ou com o Comissário, e saía em frente. Procurava o assaltante, onde êle estivesse, nos cantos mais perigosos do município, em barras verdadeiramente perigosas, e ali fuzilava-o sumariamente. A vítima, caía numa poça de sangue, nas ruas escuras ou sujas veredas.

Era dado início, então, ao rito diabólico: uma vela, num requinte respeitoso de religiosidade, era acesa ao lado do cadáver, crivado de balas calibre 45; a faca, tipo "peixeira", era colocada ao lado da mão direita do corpo, a fim de provocar a tese de legítima defesa, e o embrulhinho de maconha no bolso traseiro da calça.

Is'o feito, retirava-se prazenteiro do local, certo de que auxiliara a polícia a limpar a cidade.

"Futucão" foi uma das vítimas, tendo a reportagem e a polícia, por ironia, comparecido ao local, " a fim de tomar as providências de praxe e remover o corpo para o necrotério da municipalidade, nada mais havendo digno de registro que chegasse ao nosso conhecimento". Mas no caso de "Futucão", o pai também compareceu e teve a sinceridade de se conformar com a morte do filho, mesmo porque fôra a polícia que a cometera. Só faltou cumprimentar o Delegado, não o fazendo ao

próprio assassino, porque êste, temendo alguma provável testemunha, ali não apparecera.

As conseqüências não diferenciaram muito no caso de "Cabeleira" e seu irmão Silvio, assassinados em estilo, mais ou menos idêntico, perto da Caixa D'Água. Só que a autoria foi apontada a outro assaltante, foragido do xadrez da Delegacia, de vulgo "Chibanca", desafeto de "Cabeleira" a quem jurara de morte, dentro do cubículo. Fugiu, armou-se e aguardou a passagem do inimigo, quando êste também foi solto, rumo à sua residência. Aconteceu que "Cabeleira" o fez em companhia de seu imberbe irmão, ainda recuperável, que também foi igualmente morto.

Todavia, uma autópsia honesta revelaria que mais de uma arma ali fôra empregada, e que "Chibanca", o fictício assassino não poderia ter usado as duas mãos, por circunstâncias alheias à sua vontade.

Coitado de "Chibanca" ou de sua inditosa alma, pois Armando já o matara na véspera, e no dia seguinte prosseguindo com a sua faina de limpêza, e em companhia de um soldado de polícia, assassinara também "Cabeleira" e seu irmão, pondo a culpa em "Chibanca".

A acusação foi aceita pela opinião pública, não muito interessada e as autoridades muito menos, mas não para a mãe das duas vítimas, que compareceu à Delegacia. Nestas alturas dos acontecimentos, já a Delegacia melhorara de aspecto, graças ao Dr. Amyl Ney Rechaid, que a remodelara, construindo seu gabinete, o cartório e o xadrez. A antiga sala dos escrivães, passara a ser a dependência do Comissário, na época, e já falecido Rafael Thomaz Fernandes.

A inditosa senhora chegou, entre lágrimas. Acercou-se da mesa do Comissário Rafael e suplicou:

— Mas porque o Silvio, meu doutor? Porque o meu filhinho que nunca fizera mal a ninguém? Que matassem o outro, vá lá, que nunca foi boa coisa, mas o Silvio, coitadinho, que pecado!

As lágrimas e a certeza de estar certo, comoveram o empedernido policial. O Comissário Rafael tentou argumentar que não fôra a polícia e sim "Chibanca", mas desistiu da idéia, pois sabia que jamais convenceria aquela velha e inconfornada mãe, não pelo extermínio da "ovelha negra", mas pelo imberbe e recuperável Silvio.

## CAPITULO V

### OS INVESTIGADORES

Pèssimamente pagos e mal seleccionados os investigadores da Polícia Fluminense, destacados em Duque de Caxias nos idos de 52 até bem pouco tempo, dividiam-se em duas classes: os aproveitados da extinta Polícia Especial e os protegidos por políticos, em sua maioria do P.S.D. com uma pistola na cinta, carteira vermelha no bôlso e muitos crimes nas costas.

Para o Coronel Feio nunca houve a preocupação de saber se o candidato ao cargo de investigador era um homem de bons princípios, de recomendável formação cristã. Bastava saber se era macho, capaz de enfrentar até um Tenório Cavalcanti. Aliás, no tempo do Delegado Imperato, esta última exigência era "sine qua non", pois muitos dêles, a começar pelo próprio titular, vieram para Caxias com a missão precípua de matar o "Homem da Capa Preta".

Isto deprimia os bons membros da Secretaria de Segurança Pública, que já existiam e que hoje em dia, salvo alguns senões, preenchem os quadros de funcionários. Mas naquela época eram poucos e raros, principalmente os enviados para a guerra de Caxias, mais contra Tenório, do que mesmo contra o crime.

Um dêles era o Manuel Antônio Ribeiro, também conhecido por "Mané da Banha". O homem tinha faro de cão na busca de criminosos. Talvez em tôda a Secretaria de Segurança Pública não haja um elemento tão sagaz e persistente na captura de

## SANTOS LEMOS

um foragido do que Manuel Ribeiro. Basta dar-lhe poucos dados, um apelido, um hábito do criminoso, e eis que "Mané da Banha" sai em campos, vai ao inferno e trás o homem pela gola. Todos os considerados grandes casos do Estado do Rio, com rara exceção, contaram com a sua valorosa cooperação.

Quando Walter Rosa assassinou o Juiz Mauriti, de Petrópolis, o repórter "Mineiro" dos Diários Associados deu uma "dica" ao Comissário Rafael Thomaz Fernandes, braço direito do Delegado Amyl Ney Rechaid, sôbre o paradeiro do assassino. Tôda a policia do Estado do Rio andava na captura do famigerado crioulo, e eis que um jornalista entregava-o, de bandeja, ao Comissário, que se apressou a comunicar a informação ao titular.

Dentre os muitos valores do ex-Deputado Amyl, um é o de não guardar rancor. Sempre apiedou-se dos colegas injustiçados ou no mar da amargura, e esta era a situação do "Mané da Banha". Assim sendo, resolveu dar oportunidade ao investigador exonerado para que êle caísse nas boas graças do Coronel Feio. E no seu carro, chapa 63, em companhia de seu braço direito, dirigiu-se ao barracão de Ribeiro, situado na Baixada Fluminense. "Mané" sentia até os aguilhões da fome e vendo na captura do perigoso marginal, a sua tábuca de salvação, entrou no carro e conseguiu localizar o homem. Trouxe-o prêso e os jornais fizeram o espalhafato.

O Secretário de Segurança Pública chamou o Delegado vitorioso, e perguntou o que desejava, à guiza de prêmio.

— Ficaria grato se o Coronel admitisse novamente Manuel Ribeiro no quadro de investigadores.

Assim era Amyl. E assim era Ribeiro: pouco depois, Walter Rosa, fugiu da escolta na Praça Quinze, quando iam tomar a barca de Niterói, e o investigador José da Costa França, propôs a Ribeiro com a participação do mesmo delegado, a re-captura pois êle, França, tinha uma pista. Ao que Ribeiro contestou:

— Não, França. Não vamos dizer nada ao "Turco". Vamos só nós dois para ficarmos com o cartaz.

E foram. E prenderam. E deixaram o bondoso Delegado Amyl Ney Rechaid a ver navios.

De todos os investigadores, um sobressaía-se pelo seu caráter e inteligência: Hamilton Santos. Ex-bancário, ninguém sabia porque se tinha metido em tal mar de lama. Filho extremo, ficara solteiro para cuidar de sua mãe, com quem morava.

Mas quando conseguia alguém que cuidasse da velha, saía em busca de amigos, com quem ouvia um violão, devorava uma feijoada, saboreando uma boa cachaça ou uma gelada cerveja. O bar cerrava suas portas, mas Hamilton no interior permanecia, batendo papo com os amigos, até o dia amanhecer. Depois voltava correndo para Niterói.

Conheci-o empunhando uma metralhadora de bôca virada para o meu peito. Se êle não fôsse um homem cauteloso e prudente, eu não estaria aqui contando esta série negra de histórias de crimes que abalaram o Estado do Rio, e talvez o próprio Brasil.

Foi quando o Delegado Albino Imparato sofreu um dos inúmeros atentados, tendo Tenório tomado a responsabilidade. Aquela autoridade dirigia-se ao seu quarto, situado no Nôvo Hotel, quando alguém ao terreno baldio, deu-lhe um tiro, que lhe atingiu o braço. A vítima foi imediatamente removida para o Hospital Getúlio Vargas, e eu, de planão de madrugada em "A Notícia", corri para lá. Feito o serviço, dirigi-me a Caxias, para onde já tinha ido o ferido, fortemente escoltado. Ultrapassado Vigário Geral, meu carro aproximou-se, paralelamente, ao de Imparato, em busca de boas fotos. Foi quando o cano da "Ina" surgiu de uma janela traseira do veículo perseguido, voltava para mim:

— Diga ao motorista para parar, ou você será o primeiro a morrer.

Lógico que o "jeep" do jornal nunca estacionou tão depressa. E na velha Rio—Petrópolis, na entrada de Caxias, tivemos que nos identificar ao Hamilton, enquanto Imparato e outros investigadores, aguardavam no carro. Tudo esclarecido, seguimos de pazes feitas, e após a entrevista, fomos tomar uma batida de limão no bar da Leopoldina com o nosso quase assassino.

Hamilton era homem de brio e leal a seus amigos. Tinha uma predileção tôda especial para o "Bilu", boêmio inveterado, que hoje grita bobagens pelas ruas de Caxias, débil mental que se tornou. Mas naqueles velhos, perigosos e alcoólatras tempos, "Bilu" era pessoa indispensável nas boas mesas, nas quais Hamilton sempre estava presente.

Na época, havia um explorador de lenocínio de muito prestígio, pois era um dos "apanhadores" de "estia" do finado Imparato. Tratava-se de Martins, proprietário de um simulacro de churrascaria, à margem da Estrada Rio—Petrópolis, velha, antes



SANTOS LEMOS

do Corte Sete, a mesma onde o "alcaguete" Armando de Belo França cumpriu o asqueroso mandado do Comissário Steel.

"Bilu", boêmio de boa cepg, não perdia uma noite: depois das 22 horas era encontrado em uma das mesas, com uma carinhosa mulata, ao lado.

Estava de plantão na Delegacia, o investigador Hamilton Santos, Delegado, Comissário, investigadores e "alcaguetes" de confiança, bebericavam nos "night clubs" de Copacabana, gastando o dinheiro arrecadado de lenocínio e da contravenção. Hamilton ficou tomando conta da Delegacia e do próprio município, com a responsabilidade de um Secretário de Segurança.

Foi quando "Bilu", apareceu com a cara quebrada: fôra agredido na Boite do Martins, pelo proprietário e garçons, num "rififi", surgido ao pagar a despesa.

Vendo o omigo todo machucado, uma ira incontida subiu ao rosto do policial, que sozinho, partiu a pé mesmo para o prostíbulo, onde trouxe todo mundo preso, de maratona a frequentador, quanto mais empregados e o Martins. E botou-os no xadrez, o apanhador oficial das estias do Delegado na frente. E o cubículo, o banheiro da residência convertida em Delegacia, era infétido e mau cheiroso.

Na manhã seguin'e, Imperato e comitiva chegam bêbedos da noite alegre de Copacabana, em um luxuoso carro. Ao lado da repartição policial, havia uma casa de ferragens, de propriedade de um tal Magalhães, muito amigo do carcereiro Mery, que tinha a mania de expor sua mercadoria — pratos e copos — em cima da calçada, ao lado da Delegacia. Imperato, bêbedo no volante, passou com o carro em cima da louça tudo destruindo. Estacionou, saltou do carro e en'rou na repartição policial:

— Alguma novidade, Hamilton?

O investigador narrou o sucedido. E foi franco: dera umas bolachas no Martins e empregados, terminando por fechar o prostíbulo por aquela noite.

— O que? Você não sabia que êle é meu amigo? Isto é falta de respeito.

— Dr. êle também sabia que "Bilu" era meu amigo, e mesmo assim machucou-o.

— Isto a mim não interessa. Fecha o plantão, e pode apanhar o seu officio de regresso.

Mas não era à toa que a protocolista Maria Lopes tinha o apelido de "Maria Quebra Galho": ciente do ocorrido correu a acalmar o Delegado, e o fêz com tal habilidade e experiên-

cia, que Imperato perdeu. Contentou-se em soltar os presos da boite e censurar mais uma vez o Hamilton, que não se arrependia do que tinha feito.

Pouco depois, entrava o comerciante Magalhães, conduzido pelo Comissário Steel. Vinha cobrar as louças quebradas:

— Mais esta! Eu não pago nada. Calçada não é vitrine. Que se dane.

E como despedida:

— Eu vou dormir. Estou com sono. Cadê o Machado?

José Elídio Machado era um motorista da Prefeitura do ex-Distrito Federal, aposentado, por ter contraído uma moléstia no braço, e que, dia e noite, vivia na Delegacia como bom auxiliar de polícia que era. Além de "bate pau", era motorista do Delegado também, e naquela manhã levou-o ao seu apartamento no Hotel Avenida, onde o esperava a carinhosa Norma.

A tarde, Imperato voltou. Parou em frente à loja do prejudicado Magalhães, e raciocinou que o Prefeito Braulino de Matos Reis, seu inimigo político e rival na estia do Parque de Diversões, não permitia que os comerciantes expusessem mercadorias nas calçadas e se Magalhães o fazia, era acobertado por ele, Imperato. O fato podia ser considerado um desafio ao governador da cidade, o que satisfazia os desejos do Delegado. E assim raciocinando, entrou em seu gabinete e mandou chamar o comerciante.

Magalhães foi, com um medo bárbaro.

— Quanto é o prejuízo?

— Não é nada não, não senhor. A culpa foi minha.

— Não me venha com esta! Eu não estou perguntando de quem é a culpa. Quanto é?

— Bem, doutor, acredito que um conto e quinhentos pago tudo.

Imperato não disse nada. Meteu a mão no bolso, e pagou.

E no dia seguinte, Magalhães, bem cedinho, tornou a botar pratos e copos na calçada, para que Imperato os quebrasse, bêbedo, com o seu carro.

O comerciante nunca encontrara tão bom freguês...

## CAPÍTULO VI

### OS COMISSÁRIOS

Um dos que mais se projetou na polícia fluminense, graças ao município de Duque de Caxias, foi sem dúvida o Comissário Sebastião Steel, que para a terra de Lima e Silva foi com Imperato e permaneceu com o Wilson Frederici. Homem acima de tudo esperto, fazia polícia com cuidado, não se jogando de encontro a políticos, fossem de qualquer partido. Nem com Tenório, se incompatibilizava.

Neste ponto, em muito se assemelhava ao negro "Domingão", motorista do parlamentar: acendia uma vela a Deus e outra ao Diabo, e vivia às mil maravilhas com os dois.

Já diferenciava do Rafael Thomaz Fernandes, fiel a Amyl Ney Rechaid, durante 16 anos, projetando-se com o titular no crime da Cidade das Meninas e na captura de Walter Rosa, o assassino do Juiz Mauriti, de Petrópolis. Rafael era o protetor e amigo dos auxiliares de polícia, dando a mão a Machado, Armando, Naum, João Domiciano dos Santos, "Pernambuco", José Barreto, Nascimento. E todos respeitavam-no, atendendo solícitos as suas ordens e desejos. Sua morte fez com que empedernidos "alcaquetes" chorassem e acompanhassem o féretro, desde Caxias, a Brás de Pina e depois a Irajá, onde o bom Rafael descança ainda hoje. No Cemitério, o Delegado despediu-se do amigo numa comovente oração. Falando em nome dos auxi-

## SANTOS LEMOS

liares de polícia, o Naúm, revelou-se bom orador. Até o Inspetor do Ministério do Trabalho, agência de Duque de Caxias, João Batista, largou o violão e o copo, para dar o último adeus ao Comissário Rafael Thomaz Fernandes. O alfaiate Camilo e repórteres também não faltaram.

Este "caçador de boneco" durante muito tempo andou brigado com o Delegado Amyl Ney Rechaid, que proibira a todos os seus funcionários que o cumprimentassem sequer, quanto mais lhe dessem informações para as suas reportagens. Pois as ordens do "mais velho" eram desrespeitadas pelo Comissário Rafael Thomaz Fernandes, pelo investigador Raulino Venâncio dos Santos e pelo "alcaquete" Armando de Belo França.

Amigo do copo e do taco, Rafael perdia tardes inteiras no "Paralelo 38" jogando "sinuca" com subalternos, às vezes até mesmo com marginais, pois se todo o homem tem um ponto fraco, o do Rafa Comissário, era o bilhar, no que era exímio. Quando perdia, nada reclamava, e diziam que praticamente foi Thomaz Fernandes quem construiu, com dinheiro que perdia na caçapa, a casa do "Catito", seu parceiro predileto.

Bom copo, às vezes se excedia mas não dando a perceber. Dirigia seu carro assim mesmo como quando da diligência ao "rendez-vous" da Lurdes, em Capivari, para capturar um perigoso marginal. Iamos no carro, eu, e investigador José Antelo Reis e outros, dirigido pelo Comissário, em louca disparada pela Estrada Washington Luiz, tentando ultrapassar o do fiscal de censura Messias Rufino, que se fazia acompanhar pelo auxiliar Armando. Na entrada de Capivari, o carro projetou-se numa vala ali ficando prêso, sem todavia, ferir ninguém. Todos saltaram. Rafael desculpando-se, Reis lastimando-se, eu procurando um jeito de livrar o veículo do buraco, pois passar a noite em local escuro, infestado de ladrões e assaltantes não estava nos meus planos. Foi quando meus olhos depararam com um anúncio comercial, enorme, com cartazes fixados em uma armação de madeira, altaneira, à vista dos passageiros dos ônibus em demanda a Petrópolis. Arranquei as vigas, que serviram de apoio, sob o carro. E usando os paus como alavanca, tiramos o veículo da vala para prosseguir viagem. Mas não alcançamos mais Messias e Armando que efetuaram a prisão do marginal disputado antes de nós.

Este não morreu. Veio vivo, mas ninguém sabe que fim levou. Dias depois, sumiu misteriosamente do xadrez.

Rei morto, rei posto. Com a morte de Rafael Thomaz Fernandes e com eleição de Armando de Belo França, subiu ao poder o fiscal de censura Messias Rufino, a quem Dr. Amyl Ney Rechaid deu poderes de Comissário. E assim, um simples funcionário do S. C. D. P. ingressou na História da Polícia Fluminense, desvendando com a valiosa cooperação do Detetive Perpétuo de Freitas, o Assalto ao Trem Pagador e o Latrocínio de Dana de Tefé.

Eu gostava de Messias, quando fiscal de censura, mas terminei por entrar em choque com êle, quando Comissário de Araque. De início, costumávamos palestrar, na porta da residência do Deputado Tenório, quando em obras, e depois corríamos o "bas fond", a vida noturna de Caxias, em seu carro velho, mas sempre útil. Messias tinha duas 45, e nela e em sua grande coragem eu me fiava.

No aniversário de seu filho, deu uma grande festa, convidando políticos de renome e policiais da Baixada Fluminense, inclusive advogados, entre os quais o Dr. Vidigal de Medeiros, hoje Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho. Fomos juntos à residência de Messias, em Nova Iguaçu. Lá, bebida rolava, ladeada com fartura de pratos variados. Abusei de ambos, e, completamente embriagado subi para o segundo pavimento, deitando-me na primeira cama. Acordei horas mais tarde com o confrade Francisco Medeiros Chaves, discutindo com políticos que atacavam o Deputado Tenório Cavalcanti. Aproveitei o ensejo para retirar-me, com o Chaves envergonhado da bebedeira. O fato de eu dormir na casa de aniversariante redundou em futuros aborrecimentos, quando do "Assalto ao Trem Pagador": Messias excedeu-se no interrogatório em uma das mulheres de "Tião Medonho", publicado por mim. Não perdeu a oportunidade de jogar na minha cara que eu tinha dormido na casa do filho dêle completamente embriagado.

Messias era poeta e compositor. Compunha sambas, que fazia ser tocado e cantado na Boite El Cubano, na Av. Rio—Petrópolis, quase em frente à Rua das Laranjeiras. Ficávamos juntos, bebericando, até a Boite cerrar suas portas.

"Nomeado" pelo Dr. Amyl Comissário, exerceu a função até o desbaratamento da quadrilha do "Assalto ao Trem Pagador", quanto então re'irou-se para o seu sítio em Campos, para onde meses depois o mesmo delegado levou Leopoldo Heitor, no sensacional sequestro, custeado pela revista "O Cruzeiro". Ótimo

## SANTOS LEMOS

esconderijo, lá no fim do mundo. Depois o "Advogado do Diabo" foi trazido para a Delegacia de Caxias, onde prestou o seu depoimento ao escrivão Pedro Balduino Lacerda, na presença de tôda a imprensa.

Os dois sensacionais casos — Assalto ao Trem Pagador e Latrocínio de Dana de Tefé — e mais a ajuda do vereador Armando de Belo França resultaram na eleição para a Assembléia Fluminense de Amyl, bom deputado, que muito fêz pela Vila São Luís.

## CAPITULO VII

### OS SUB-DELEGADOS

Mero cargo político, impingido pelo P. S. D. Função decorativa, sem vencimentos, mas nomeado pelo próprio Governador que os delegados eram obrigados a aceitar, sob pena de transferência. Se bem não fizeram, podiam fazer muito pior do que a omissão, alguns pedidos e exigências, entrar na lista da estia do lenocínio e do jôgo.

"Até o farmacêutico "Paizinho" já foi sub-delegado. Sub-delegado que nunca apareceu na Delegacia, mandava bilhetes e recados para soltar fulano e sicrano, mas nunca para prender ninguém.

De todos, o único que verdadeiramente trabalhou em proveito da sociedade, foi Pedro Bianco. O homem não dormia. Colocou-se, e o seu carro também, à disposição da secção de Roubos e Furtos, já que o combate aos amigos do alheio era o que mais o preocupava. E tôdas as noites, em companhia dos "alcaguetes" Evódio César de Almeida, Armando de Belo França e "Pernambuco" (hoje despachante de uma linha de ônibus) percorria as ruas da cidade, muitas vêzes, levando consigo o chefe da secção, o investigador Luiz da Mota Sobrinho.

Mesmo não sendo convidado, jogava-me dentro do veículo e assistia as diligências. Muitos ladrões presos e devidamente processados. Muita arma apreendida, juntamente com maconha. Muito pau comeu em costa de negro.

## SANTOS LEMOS

Altas horas da madrugada, fomos avisados de que numa fábrica de manilhas perto do Campo dos Vasquinho, havia um ladrão fazendo das suas. Para lá nos dirigimos e "Pernambuco" encontrou-o dentro de uma manilha. Prêso com as duas mãos amarradas nas costas com o próprio cinto, foi colocado dentro do carro, atrás, no chão, ficando eu com os pés em cima de suas costas, por falta de lugar e para melhor garantia de que êle não fugisse. E como não faltassem marginais naquela época, mais dois foram capturados mais adiante. Lotou o carrinho: três ladrões, Pedro Bianco, na direção, Luiz Sobrinho, eu e "Pernambuco".

Partimos em direção à Delegacia, mas na saída do Campo de Vasquinho e entrada da Rua Bittencourt, deparamos com um grupo de malandros, jogando baralho, à luz de vela, num ângulo, ainda hoje existente, formado por duas paredes.

O carro estacionou de inopino, e Bianco e Luiz saíram já de armas nas mãos. Rendido todo o mundo, foram apreendidos "peixeiras" e maconha dos cinco marginais que jogavam "ronda". Mas como levá-los? No carro não tinha mais lugar...

— É, mas sem uma corrigenda êles não podem ficar. O jeito é dá um pau nêles. "Pernambuco" salta do carro e vem cá; Santos Lemos, fica tomando conta dos três presos, aí dentro mesmo. E você, encoste aí na parede, aí, no ângulo — ordenou Pedro Bianco.

Durante meio minuto, julguei que os policiais fôsem fuzilar os marginais. Cheguei a tremer de medo de assistir a eliminação de seres humanos, pelo método nazista.

Quando abri os olhos, o que assisti deixou-me estarrecido e preocupado: os policiais empunhando coldre de suas armas e cacetetes de borracha, esbordoavam os malandros que se defendiam e atacavam como podiam. Atracavam-se com os policiais, dando pancada para valer também, tentando fugir, com cabeçadas e rasteiras. "Namquinho" caiu, disse um palavrão, levantou-se e se embolou, com um dêles, desferindo violenta pancada com a coronha da arma na cabeça do malandro, que caiu com um gemido. Enquanto isto, Pedro Bianco e Luiz Sobrinho atracavam-se com os restantes. Um dêles tentou escapar, e eu de dentro do carro, ordenei que voltasse, apontando-lhe a pistola F. N. calibre 7,65. Êle voltou porque quis, jamais atiraria, preferiria deixá-lo escapar. Mas o maconheiro não podia saber qual a minha verdadeira intenção, e pelas dúvidas, retornou.



para levar tal soco no pé do ouvido do investigador, que empacotou, perdendo os sentidos.

Foi uma briga de quase dez minutos, saindo a polícia vitoriosa. Nela não me meti, a não ser o incidente narrado acima, impedindo uma fuga. A minha missão era conservar os três presos dentro do carro, amarrados com os próprios cintos, enquanto o pau comia sôto lá fora.

Quando os marginais caíram, os policiais se serviram, impelidos pelo ódio, pois todos estavam machucados, tal foi a reação dos fora-da-lei. Foram impiedosamente espancados, já que para a Delegacia não podiam ir.

Abandonamos o local, rumo a delegacia, para retornar o mais depressa possível, a fim de buscá-los. Mas quando chegamos encontramos muito sangue no cimento e o dono da casa preocupado, querendo saber o que tinha acontecido. Cientificado de que a polícia estava presente, teve palavras amargas, pois o local — Campo de Vasquinho — era um valhacouto de ladrões.

De volta à Delegacia, os três presos pagaram pelos outros: barbaramente castigados a noite toda. Na manhã seguinte, um deles — o que foi encontrado dentro da manilha — desaparecera misteriosamente.

Pedro Bianco não nasceu para deputado estadual ou para Chefe da Fiscalização da Prefeitura ou para a agência Municipal de Imbariê. Nasceu para polícia, para delegado, tal era o seu tirocinio: perspicácia, psicologia e acima de tudo coragem.

Na Pensão da Olinda Macedo, na Av. Rio—Petrópolis, em frente onde hoje situa-se a Sucursal da "Luta Democrática", estava localizado o maior valhacouto de ladrões, maconheiros, rufiões e prostitutas da Baixada Fluminense, sem contar com as adesões da Capital da República.

Era de propriedade de dois portugueses, que ali se enriqueceram, vendendo bebidas e alugando quartos. Tinham adquirido de D. Olinda Macedo, cujo filho, Nelson, tornou-se posteriormente proprietário da Boite El Cubano. Mas naquela pensão dos diabos, Nelson trabalhava até de arma na cinta, pois as confusões estouravam de instante a instante.

Para ali, Pedro Bianco e sua equipe se locomoviam todas as noites, regressando com o carro cheio de marginais. Numa noite, ajudei a passar revista nos frequentadores, em busca de arma e de maconha. Um indivíduo, encostado, com as nádegas apoiadas na porta, identificou-se perfeitamente. Era um trabalhador, que aproveitava as horas de folga para se divertir. Dei por encer-

## SANTOS LEMOS

rada a revista, quando Pedro Bianco, interrompeu bruscamente, dizendo:

— Assim, não, Santos Lemos. Não é assim que se revista um caboco. Você aí, desencosta da parede, vamos logo.

E o próprio sub-delegado deu a "geral" no operário: no bôlso traseiro da calça, exatamente o ponto encostado na porta, havia um revólver calibre 32!

Desculpei-me, envergonhado, enquanto estalava uma bofetada na cara do sujeito, que foi posto dentro do carro. Mas não foi autuado por porte de arma. Dormiu no xadrez, perdeu o revólver e gastou todo o dinheiro que tinha pagando "vales" para os companheiros do infortúnio.

Jonatan Gonçalves da Silva, é, antes de tudo, uma boa praça. Prestativo, acessível, inteligente, um dia meteu-se na política, sendo nomeado sub-delegado. E eu já o conhecia, pois o primeiro local de suicídio que fiz em Caxias, foi de seu enteado, nos fundos de um armazém de madeira, onde, posteriormente o padraço do morto, levantou a sua feira.

Jonathan tinha uma camioneta e a colocou a serviço da Delegacia, quando sub-delegado. E tôdas as noites, como no tempo de Pedro Bianco, havia rondas diárias, com a participação de Armando de Belo França e de um outro "alcaguete", apelidado "Carioca".

Numa dessas ocasiões, soube-se que o "Jóca", cujo verdadeiro nome é José Brum Sobrinho, promovia desordens na Vila São Luís. Para lá a polícia se dirigiu, na camioneta do sub-delegado. "Jóca" recebeu os policiais a bala e o tiroteio foi formado. Entrincheirando-se atrás do veículo, Jonathan mandou bala, enquanto Armando, mais afeito, aproximou-se, indo esconder-se numa moita alta de capim.

E foi precisamente para ali, já ferido, que o azarado marginal, cismou de se esconder. Levou um balaço que o mandou desta para melhor.

Mas José Brum Sobrinho era um homem forte e resistente. Não morreu no local. Começou a gemer, atraindo a curiosidade popular, apavorando Jonathan, homem de boa índole, que começou a maldizer a hora em que foi nomeado.

— Botam o homem dentro do carro, depressa.

E "Jóca" entre gemidos e perda de sangue, foi transportado para o Hospital Getúlio Vargas. Em meio ao caminho, ainda em Caxias, "Carioca" teve a atenção despertada para Armando, que sacando de seu "45" fazia pontaria para a cabeça do moribundo.

— Você está doido, Armando. Quer acabar de matar o rapaz?

E Belo França, à guiza de explicação:

— Santos Lemos disse que nunca deixasse morrer no Getúlio Vargas, por causa da sala de imprensa de lá. Vou acabar o serviço aqui mesmo.

"Carioca" atracou-se com o colega, salvando a vida do maconheiro, mas só por hora, pois na sala de operações do H. G. V. expirou. Antes, todavia, deu o serviço: acusou a polícia, na presença da rapaziada da sala de imprensa. Os telefones funcionaram e no dia seguinte o escândalo era grande nos jornais.

Até hoje, Armando não fala com "Carioca" e Jonathan não é mais sub-delegado.

Gervásio Batista tem como profissão a de alfaiate. Mas raramente ou nunca viveu disto. E sim de jôgo, o que lhe tem valido bons aborrecimentos. Todavia, com o advento da Revolução paralisou as suas atividades. Antes, porém, foi nomeado também sub-delegado. E como tal, explorou um "bingo" no prédio de Tenório, onde tinha sido a sede da U. D. N.

Ali duma feita, em companhia de J. Braulio, proprietário do semanário "A Verdade", fui fazer uma reportagem, levando comigo o patrão e um fotógrafo. Entramos e no "peito" batemos boas fotos. Saímos de fininho, rumo ao Hotel Avenida, onde, ao que contava, havia mais jôgo. Na calçada do estabelecimento hoteleiro, fomos cercados por Gervásio e seu capanga, Moacyr Teles de Menezes, o "Malandrinho", êste empunhando uma pistola calibre "45". Exigiu a máquina, para destruir o filme, sob pena de ditar a morte ali mesmo para todos os três. Desarmados e apavorados, fizemos a sua vontade: entregamos a máquina para que tirassem o filme. Fizeram o serviço completo: quebraram a Rolly do rapaz, danificando-a por completo.

Saímos dali rumo à Delegacia, onde estava de plantão, o investigador Salomão Abrahão, mais diplomata do que policial, que sabia contornar as situações mais difíceis.

Salomão ouviu atentamente o meu relato. Meu e do Braulio, e não ficou embaraçado quando Gervásio apareceu, com a sua autoridade de sub-delegado. Abrahão encontrou um "modus vivendi", pediu desculpas a "a" e a "b", e mandou todo o

mundo embora. Na rua, encontramos com uma Patrulha do Exército que por ali fazia ronda, devido a aproximação das eleições. Bráulio não perdeu tempo; identificando-se como diretor de um jornal e pai de um sargento do Exército, denunciou "Malandrinho" por portar uma arma de guerra, e a patrulha saiu no encaixo do contraventor, terminando por fechar o antro de jogatina.

Gervásio não é mais sub-delegado e "Malandrinho" foi morto por Fernando da Costa Nascimento, Severino Vicente Cabral, Milton Barbosa França e sargento Eduardo Barreto, a mando de Armando de Belo França.

Anos depois, numa noite de Natal, encontrei-me com Gervásio em um botequim, a quem apertei a mão, como amigo, dando tudo por acabado.

Mas não havia e nem há apenas sub-delegado na sede do município. Nos distritos também e assim sendo os cargos políticos eram igualmente distribuídos para a Fábrica Nacional de Motores, Imbariê e Campos Elíseos. Todos entregues ao P.S.D. provocando, muitas vezes, enciumadas entre líderes pessedistas no mesmo distrito, como ocorria em Imbariê, onde o Posto Policial estava entregue ao Sargento Pedro.

Lógico que primeiro se cuidava de política, depois de polícia, e mesmo assim esta última estava em função da primeira. E o Sargento Pedro era bom político.

Um homem foi morto. O cadáver ficou desde a tardinha até à noite do dia seguinte, sem que ao menos tivesse comparecido ao local um "meganha", quanto mais o sub-delegado, ocupado com a sua candidatura a vereador nas próximas eleições. Compareci ao local na ambulância particular do Ernani Martins dos Santos, e no dia seguinte, pelo "O Dia" denunciei o fato. Uma semana depois, voltei a Imbariê, para novo defunto nas mesmas condições: nada de polícia. Na terceira vez, quando tomava algumas anotações no Cartório de Registro Civil, sobre o óbito, eis que aparece o Sargento Pedro a minha procura:

- Você que é o repórter de "O Dia"?
- E você que é o Delegado?
- Sou sim e não estou gostando de suas publicações a meu respeito. Não compareço no local, porque sou um homem muito ocupado. Não vivo desta sub-delegacia.

— Deveria então dar o lugar a quem tivesse tempo. Isto só vem corroborar as assertivas por mim publicadas. A reportagem está certa, portanto. Não é mentirosa.

O homem encarou-me, ruminando idéias. Estava na dúvida, se xingava minha mãe, se me esbofeteava ou puxava logo do "berro", que portava à cintura.

— O que o Coronel Feio precisava era tirar você da Delegacia. Você é espião de Tenório, dentro da própria polícia, e o Dr. Wilson não vê isto. Mas eu vejo e lhe digo uma coisa, Santos Lemos: Caxias está muito pequeno para nós dois. Um dos dois tem que sair daqui, nem que seja para o Corte Oito. Entendido?

E retirou-se. No dia seguinte, na primeira página, saiu publicada a ameaça.

Os dados estavam lançados. Um de nós dois tinha que sair de Caxias, nem que fôsse para o Corte Oito.

Não decorreu nem três dias, quando, em companhia de minha família, na Praça do Pacificador, ainda em construção, passei pelo sub-delegado, que conversava com uma senhora, perto do ponto de ônibus. Eu estava em companhia de minha cunhada Heida Canuto Mineiro, a quem pedi para observar a autoridade:

— Chi, Silbert, se olhar matasse, você já estaria morto. Nota-se que o homem tem ódio de você! Cuidado!

Fui ao Rio, na redação, e voltei preocupado. Um de nós dois tinha que morrer ou sair de Caxias. Eu não queria nem uma coisa e nem outra, e repugnava-me a simples idéia de exterminar com a vida de um meu semelhante.

Saltei do lotação, temeroso pelos acontecimentos. Na Praça da Emancipação, vi grupos de homens, comentando algo grave. Na porta do caldo de cana de "seu" Coelho, alguém me disse:

— Santos Lemos, já soube o que houve? Mataram o Sargento Pedro, em frente ao P. S. D. Foi aquêle candidato a vereador do mesmo partido, lá de Parada Angélica.

## CAPITULO VIII

### OS DELEGADOS

Nem sempre eles são bacharéis em Direito. São comissionados, alguns militares — Tenente Abílio Vieira — outros políticos, — Júlio Fleischmann — alguns comissários — Osvaldo Oliveira, mais conhecido por Trota. Todos passaram por Caxias, deixando atrás, muito sangue no prédio 311.

◊ Delegado Wilson Frederici queria ver o diabo do que a reportagem de "O Dia" e "A Notícia". Ainda lhe doiam os ataques a ele desferidos pelo secretário do matutino, Santa Cruz Lima, com dados por mim fornecidos a respeito da morte do Delegado Imparato, em que Tenório era acusado. Violências foram denunciadas, seu prestígio de além fronteira fôra prejudicado, principalmente com a nota a respeito de uma menor — parenta de Pedro Tenório. Esta garôta fôra presa pelo investigador Manuel Ribeiro, vulgo "Mané da Banha", no Hotel Avenida, autêntico "rendez-vous". O Delegado chegou ao ponto, de na Praça Quinze, comprar todos os exemplares de "O Dia" para jogá-lo ao mar, na travessia. E outro tanto fêz na Capital do Estado: não queria que a sua espôsa lesse a reportagem, temendo que fôsse mal interpretado.

O Delegado Wilson Frederici, homem simples e trabalhador, tinha grande amizade pelo Manuelito, proprietário do Hotel Estoril, cujo filho era seu fã fanático. Dêle, de Tenório e de "O Dia",

que lia, ávido, tôda manhã. Numa delas, o Delegado chegou no inopino do restaurante, localizado abaixo do estabelecimento hoteleiro, deparando com o rapaz — Betinho — lendo a manchete bombástica: "Bárbara e selvagem a polícia de Caxias". Arrancou com fúria o exemplar das mãos do jovem, invadiu a cozinha e jogou no fogo. E voltou furioso:

— Betinho, se você quiser continuar sendo meu amigo, não leia mais esta droga!

Pobre rapaz! Pobre Delegado! Não sabia que desta data em diante, o filho do explorador de lenocínio passou a devorar as reportagens, trancado em seu quarto, mais do que nunca acompanhando o desenrolar dos acontecimentos em torno da morte de Imperato, e quantos crimes mais houvessem na terra de Lima e Silva.

Em represália aos ataques recebidos, proibiu que seus auxiliares fornecessem material para a reportagem que defendesse Tenório, o que em muito prejudicava, mas não impedia o meu serviço. Em compensação, tinha que ficar o dia inteiro na Delegacia, debruçado na varanda, com o radar ligado, cercando as partes do lado de fora, quando então eu as entrevistava. O barbeiro, ao lado, me transmitia o que ouvia dos investigadores ao cuidar da barba e cabelo, o mesmo fazendo o alfaiate e tintureiro Ortagamiro Teixeira de Melo, o Camilo, grande amigo meu e dos policiais. E em seguida, eu corria pela Av. Plínio Casado, Travessa Manuel Correia até o minguado Posto Telefônico, por onde transmitia as minhas notícias, sempre aproveitadas na primeira página, quase sempre ferozes ataques à "bárbara e selvagem polícia de Caxias".

Na gestão do Delegado Pacheco da Rocha realizou-se no Foro, situado na mesma Avenida Plínio Casado, o sensacional julgamento de Cícero e Pedro Tenório, acusados de autoria do Delegado Albino Imperato e do "alcaguete" Arnaldo Bereco, além de tentativa contra o auxiliar Wandir Maia, vulgo "Ruído". O Deputado Cavalcanti, graças às suas imunidades parlamentares, sentou-se no recinto do júri, ao lado do Delegado Wilson Frederici, a fim de assistir os trabalhos. O advogado de defesa, Dr. Edmar Lopes Bezerra, na tribuna, responsabiliza ambas as mortes e o atentado ao Deputado, na cara dêle, que se limitava a sorrir.

Tôda a reportagem especializada locomovia-se nas dependências do velho prédio, ou em frente, usando o telefone do 4º Ofício, situado em baixo.

Foi quando diversos marginais dirigiram-se aos jornalistas, inclusive a mim, denunciando um dos maiores escândalos dos "alcaguetes" da Polícia Fluminense.

— "Seu" repórter, nós estávamos presos aí na Delegacia. Fomos soltos agora, em troca do silêncio, do homem que eles mataram de pancadas na seção de Roubos e Furtos.

Imediatamente tôda a rapaziada da imprensa soube do fato e eu fui o escolhido para levar o fato ao conhecimento do Juiz Ary Pena Fontenele e do Promotor Público Benjamin Hamam. Os dois homens da Justiça mostraram-se surpresos e quiseram afastar-se, a fim de não melindrar o delegado. Todavia, assediados pela imprensa, dirigiram-se à Delegacia, ali abordando o Dr. Pacheco da Rocha. A autoridade negou tudo, mas um repórter do "O Globo" na presença do próprio Delegado, disse ao juiz Ary Pena Fontenele e ao Promotor Público Benjamin Hamam:

— O cadáver, está aí ao lado. Na seção de Furtos e Roubos. Fômos todos, tendo à frente, o Juiz, e representante do Ministério Público e o titular. Na exígua sala, que antes servira de Protocolo para D. Maria Lópes, então o local onde se apurava os assaltos, a comitiva parou, diante de uma porta fechada.

— Onde está a chave? perguntou o magistrado.

— Está com o investigador Evódio — alguém esclareceu.

Vejo o policial, ex-"alcaguete", recentemente nomeado a investigador, hoje falecido no norte do país.

E Evódio, embaraçado, antevendo o "bode" que ia dar, introduziu a chave na fechadura, deu a volta, e empurrou. Um obstáculo, impedia que se visse o interior. O policial, auxiliado pelo fotógrafo do "Diário da Noite", Ary Kid, têz fôrça e num empurrão, conseguiu abrir a porta. Algo, coberto por um lençol, saiu rolando, pelo cimento. O próprio juiz, num repelão, puxou o pano, descobrindo o cadáver de um homem, massacrado!

Um oh! espalhou-se pela sala e pelo corredor, dominando a rua, cheia de curiosos.

O Delegado desculpou-se:

— Excelência, eu não sabia! Juro que não sabia.

Benjamin Hamam:

— Isto é um escândalo, uma desumanidade! Este homem morreu de pancada, está se vendo! É um homicídio!

O Juiz:

— Delegado, o senhor registra o fato para o competente inquérito. Quero saber quem matou êste homem.

Os repórteres:



## SANTOS LEMOS

— Isto vai dar uma primeira página. Melhor do que julgamento de Pedro Tenório!

E realmente o inquérito foi instaurado, sendo presidido pelo Delegado Wilson Frederici, com quem o Dr. Pacheco da Rocha, não se dava. A autoridade que levantou o homicídio de Imparato, todavia, não se vingou do colega. Engendrou uma saída: o prêso foi morto pelos próprios colegas no xadrez, com quem entrara em luta corporal. Quando o carcereiro Mery notou, já era tarde: o pobre diabo morrera de tanto apanhar, porém dos outros presos. (1º)

Mas eu ouvi a discussão entre investigadores e "alcaguetes":

— Idiota! Porque você não tirou o corpo como das outras vezes?

— Mas não tive tempo. O homem morreu de manhã cedinho, já com sol quente. Com gente na rua e nos fundos...

"Como das outras vezes"... Mas para onde iam os corpos, então, que não apareciam em lugar nenhum?

De todos os delegados quem mais se destacou, sem dúvida alguma, foi o Amyl Ney Rechaid, hoje deputado estadual. Amyl chegou em Caxias, procedente de Nova Iguaçu, onde exterminara com a quadrilha do Laert, graças à pontaria certa de do investigador Salomão Abrahão.

Chegou, viu e venceu.

Trouxe consigo seus homens de confiança: Comissário Rafael Thomaz Fernandes, Salomão Abrahão, Luís da Mota Sobrinho, José Antelo Reis e uma infinidade de "alcaguetes", inclusive o velho Nascimento, que fazia às vezes de carcereiro.

Amyl já tinha estado em Caxias, quando levantou o Crime da Cidade dos Meninos, que lhe angariou cartaz até com D. Darcy Vargas. Conseguira, com um jornal, fotos da reconstituição, que mandou por num quadro e dependurou na secção de Roubos e Furtos.

Quando chegou, alta madrugada, pregou um susto terrível, no investigador Avanir Coelho Flores — hoje falecido. O plantão dormia a sono solto, em cima da mesa do então titular, Dr. Wilson Frederici, enrolado na bandeira nacional, pois a noite estava fria. O novo delegado chegou de inopino, com ordem do Secretário de Segurança Pública, para substituir Wilson Frederici, re-

(1º) O morto, posteriormente foi identificado como sendo José Gonçalves, fato publicado na «Luta Democrática» em 2-12-54. Diante do escândalo o governo achou de substituir o Delegado Dr. Pacheco da Rocha pelo Comissário Sebastião Steel ou pelo advogado Odir de Araújo.

cém-vitorioso no inquérito a respeito das mortes de Imperato e Bereco.

Amyl chegou ex-abrupto e abriu a porta de seu gabinete com violência, derrubando, assim, uma placa de zinco, que caiu com estrépito no assoalho imundo. O estalo pareceu ser um tiro de pistola, e pálido de susto, o dorminhoco investigador pulou da mesa, em busca de sua arma.

— Sou o Dr. Amyl Ney Rechaid, o nôvo Delegado daqui. Cuidado, seu plantão, que assim como fui eu, bem podia ser um bandido para soltar os presos. Deixe para dormir em casa.

E naquela noite mesmo começou a limpêza. Dezenas de marginais e prostitutas entraram em "cana", uns velhos conhecidos do carcereiro, outros "carne nova no açougue". E na manhã seguinte, dava gôsto de se ver vadios e preguiçosos de pá e vassoura na mão, limpando tôdas as dependências da delegacia. O lixo avolumou-se e mum monte, devidamente cremado. As mulheres, com água e sabão, limparam o carcomido assoalho. Foi tudo depositado em um canto, no quintal.

Dir-se-ia que a limpêza era na cidade e no prédio. E assim foi durante semanas, até que a coisa ficou no marasmo de sempre, com algumas modificações, não por culpabilidade exclusiva do titular da delegacia, mas pela própria cotingência do Governo, cujos líderes atravancavam os trabalhos policiais, já deficientes por sua natureza.

Não sei se é defeito. Não sei se é qualidade. Mas Amyl sempre se caracterizou pela fidelidade, pela lealdade ao amigo ferido.

— São nas horas de amargura, que se conhece o amigo! — dizia sempre e êste sempre foi o seu lema. Podia estar o sujeito completamente errado, se era amigo do Amyl, o "Turco" comprava a briga, mesmo se arrebrandando todo.

Assim foi com Armando de Belo França, assim foi Messias Rufino, assim foi com o Reis, Rafael, Edward, Nascimento e muitos outros, inclusive comigo.

Havia na época um marginal perigoso: Garibaldi Proença de Barros, vulgo "Guarda 13" expulso da Guarda Municipal de Duque de Caxias a bem do serviço. Vivia de assaltos, do tráfico de maconha e de explorar mulheres. Já fôra suspeito no latrocínio de um motorista, cujo cadáver aparecera no rio da Barra de São João, sendo o criminoso prêso pelo investigador Manuel Ribeiro e pelo repórter Barreiras. Sôlto, "Guarda 13" prosseguiu com sua laina negra, até que o Delegado mandou capturá-lo. Mas o homem sumira de Caxias.

## SANTOS LEMOS

Numa tarde, um "alcaguete" que tocava pandeifeo em uma das rádios cariocas, avistou-o, palestrando com uns amigos na Av. Duque de Caxias. Correu à Delegacia e comunicou o fato ao investigador de plantão que determinou a ida ao local de três soldados fardados, inclusive um que atende pela alcunha de "Mineiro". Fui junto, o único a paisana. Em lá chegando, surgiu o "impasse": como prendê-lo, se a simples presença de um militar fardado iria colocá-lo em fuga?

— Vai Santos Lemos. Bota a mão, segura o homem, que depois nós corre e prende. — Sugeriu "Mineiro".

Não gostei da idéia, mas foi o jeito. Caminhei para o grupo de três homens que conversavam sossegadamente na calçada, e quando perto, saltei sôbre o "Guarda 13". O homem esperneou e caímos juntos na calçada, enquanto os seus compnheiros punham-se em fuga e os soldados, saíam da esquina, onde estavam escondidos, correndo para o local. Aguentei firme o marginal, que se debatia como um louco, até a chegada de "Mineiro" e colegas que o amarraram, conduzindo-o à Delegacia.

Na hora de botar todos os seus pertences na mesa do carcereiro Mery, que o ia trancafiar, "Guarda 13" gritou:

— Você ainda me paga, Santos Lemos. Vou fechar o teu palitô!

A ameaça calou fundo. Retirei-me certo de que conseguira um inimigo mortal. O homem gritava, xingava e ameaçava e só sossegou quando os investigadores José Antelo Reis e Jamil Chididi Antônio, usando cabo de enxada, o silenciaram com boas bordoadas.

A ameaça chegou ao conhecimento do Delegado. Dias depois, por ordem de Amyl, Garibaldi Proença de Barros, foi pôsto em liberdade, já que não se conseguiu caracterizar nenhum delito, ainda em estado de flagrância. Antes porém, teve que comparecer ao gabinete do titular, que o admoestou:

— "Guarda 13", sei de suas ameaças ao Santos Lemos. Sou amigo dêle e, demais a mais você é um marginal, e êle é apenas um fofoqueiro. Existe, portanto, muita diferença.

— Mas doutor, êle é a minha desgraça. Tudo começou depois que êle chegou em Caxias. Eu nunca tinha sido prêso antes, só no caso do motorista. Ninguém me conhecia. Agora, até êle me bota em cana.

— "Guarda 13", quero que você se dane. Vou lhe dizer uma coisa: você tem apenas 24 horas para sumir de Caxias.

Se eu lhe encontrar outra vez no meu município, vai ser com formiga na bôca. Mando o Armando te fazer! Está entendendo?

Garibaldi ficou branco, da côr de cêra. A advertência valera. Calculou o perigo que estava correndo. Depois de tal aviso, as possibilidades de sobrevivência eram praticamente nulas.

"Guarda 13" no mesmo dia embarcou para Pernambuco, de onde regressou 10 anos depois, ainda com a mesma cicatriz no rosto, mas com outra alma, com outro caráter. Fui encontrá-lo em um café na Praça Roberto Silveira, completamente regenerado. Tomamos um cafêzinho juntos, lembrando o passado, ambos gratos a Amyl Ney Rechaid.

Até hoje, Armando não pode sofrer um atentado, que o bom amigo não corra para junto da cabeceira. Sabe que o seu antigo auxiliar não passa de um bandido, mas não pode esquecer o passado, a fidelidade com a qual o antigo "dedo duro" o servia.

— Mas, doutor, o homem é um bandido...

— Não amole, Santos Lemos, êle é meu amigo, e como tal não tem defeitos. Você também não presta, não mata, porque se caga de mêdo, e eu nunca lhe deixei sôzinho, na estrada.

E assim foi com Messias Rufino, quando êle espancou as mulheres de "Tião Medonho".

— Você, com esta reportagem, Santos Lemos, está pondo nódoa num trabalho de além fronteiras. Você se esquece que Messias arriscou a vida ao meu lado, no tiroteio, no Rio, com "Tião Medonho". E de mais a mais, êle é meu amigo.

Bom filho, bom irmão, bom amigo. Quando sua genitora morreu, numa Cas ade Saúde, na Tijuca, Caxias quase que enpêso acompanhou-o em sua grande dor. O homem chorava como uma criança, abraçado com a irmã.

Sua irmã. Costumava vê-la nas obras do mano, no bairro do Centenário. Ela acompanhava-o em tudo, em todos os detalhes no preparo do terreno onde se levantaria um austero sobrado. Um dia, alguém disse a boa senhora, que haviam em outras éras enterrado naquele local, um cavalo. Ela mandou parar tudo, que os empregados cavassem e cavassem até encontrar o esqueleto. Tinha mêdo de sonhar com aquilo.

Os operários foram procurar o patrão, reclamar contra a "besteira", parar tudo, perder tempo, por causa de esqueleto de burro, que ninguém nem sequer tinha certeza de estar enterrado mesmo.

— Não! Ela está com razão. Parem tudo!

— Mas, doutor, e se não tiver nada?

## SANTOS LEMOS

— Não tem importância. Ela é minha irmã, é minha amiga. Façam a vontade dela!

Assim era Amyl. Bom delegado, principalmente quando tinha interesse em apurar o fato. Quando não, entrava no marasmo, deixava o barco correr, abandonava a delegacia em busca de mulheres bonitas, que às vezes visitavam-no na Delegacia, despertando a inveja e concupiscência de funcionários e "alcaguetes. Mas quando o crime, estava nas manchetes dos jornais ou poderia redundar em sensacionalismo, o homem multiplicava-se. Deixava as mulheres, a cama, a mesa, a despêsa. Atravessava fronteiras, de arma em punho, usando inteligência e coragem, e retornava, vitorioso, como ao Assalto ao Trem Pagador ou Leopoldo Heitor.

Assim era Amyl e assim espero que continue sendo, apesar de sua mania de não abandonar um amigo, mesmo que ele não tenha razão, mesmo que ele se torne um marginal.

Outra autoridade que a cidade jamais se esquecerá, é Rogério Mont Viana Karp, o Dr. Mont Karp. Brutal como poucos, independente como raros. Amigo de seus funcionários, prestigiando-os. Inimigo de advogados e políticos, expulsando-os da delegacia, até.

Não mandava que ninguém espancasse prêso: ele o fazia pessoalmente. Ele, o escrivão Serafim Marques — hoje vereador por São João de Meriti, o "alcaguete" "Zinho", Coelho e muitos outros. Tinha ojeriza por "punguistas". Costumava-o espalmar a mão do "chorro" em sua mesa, e depois com uma pedra de vidro, grossa e pesada, onde se lia o seu nome, esmigalhava os dedos, um por um, inutilizando o "pungista" para o resto de vida.

O espancamento era feito em seu próprio gabinete e disto ele não fazia segredo. Chegava a ponto de pedir aos repórteres que o atacassem, que divulgassem que ele, pessoalmente, e não seus funcionários, davam o "pau". Atraiá para si toda a responsabilidade, desprezando os conselhos do Comissário Milton Moraes, que antevia escândalos e inquéritos.

O telefone do 311, número 11, estava anexado à parede do corredor, perto da porta do gabinete do Delegado. Às vezes, eu não conseguia telefonar, tal era o barulho na dependência do Dr. Mont Karp, entre gritos, gemidos e o barulho do cacete comendo nas costas do pobre diabo. As paredes chegavam a

estremecer: Serafim dependurava-se nos ombros de dois colegas com ambos os pés chutava o peito do marginal, que se chocava como um bólido de encontro a parede.

E em seguida um sepulcral silêncio. E depois, por mais que eu investigasse, jamais descobria o destino dado ao "punguista".

Mas limpava a cidade. Bastava uma simples publicação, intitulada "Mont Karp retorna a Caxias" para que o município se esvaziasse de marginais, temerosos da "Lei do Cão", ditava por aquele rapaz, nóvo ainda, soírendo de sinusite, que quando o atacava, tornava-o nervoso e mau.

Durante os seis meses, em que estive em Caxias, ocorreram apenas oito homicídios. Quatro dos autores foram presos em flagrante — O crime da Bailarina, soldado Messias e o Sindicato da Morte — e os outros quatro, com os autores apontados à Justiça. Mont Karp foi o único homem que teve a coragem de processar o soldado Messias dos Anjos e de trancafiar o pistoleiro Waldemar, capanga de Tenório.

Numa tarde, quando eu já era acadêmico de Direito, estava, entre bêbedo e jururu, em frente à Delegacia. Ele passou e olhou-me. Pouco depois, o Comissário Milton aproximou-se:

— Santos Lemos, o doutor está te chamondo, lá no gabinete.

Fui. Atrás da escrivaninha, o delegado. Ao lado, Milton e o escrivão Serafim Marques. Nas paredes, buracos, arranhões, pingos de sangue. Todos em pé, inclusive eu, pois não havia cadeira, a não ser a grande, giratória, do titular. As outras jaziam, aos pedaços, espalhados pela sala.

— Santos Lemos, você está triste, aborrecido. Alguém, da minha delegacia, lhe fêz alguma coisa? É só dizer.

— Nada doutor, são todos meus amigos.

E Milton e Serafim, quase que uníssonos:

— O doutor está zangado conosco. Pensa que é a gente. Diga o que é, Santos Lemos, para o bem de todos nós.

Vi sinceridade em todos os três. Podiam ser maus para os criminosos, menos o Milton que é bom para todo o mundo, mas para mim, pareciam ser gentis.

— Nada doutor! Não é nada com ninguém. É comigo mesmo. estou duro, não poso ir à aula, na Faculdade, em Niterói.

Mont Karp parou de fungar. Não mais apertou com indicador direito o nariz empustemado. E disse:

— Mas é só isto, rapaz? Porque não falou logo? Olhe, aqui estão cinqüenta cruzeiros. Dá e sobra para a passagem. E você,

SANTOS LEMOS

todos os dias, apanhe comigo o dinheiro ou com o Milton ou com o Serafim. Não fique triste por causa disto, e pare de deber enquanto é tempo.

Suspirei fundo e apanhei a cédula, enfiando-a rapidamente no bolso. Agradei e confiando mais uma vez na humanidade, retirei-me. Ao chegar à porta, porém, ouvi o doutor:

— Se forme, rapaz, mas nunca ingresse na polícia. Você não serve para ser delegado. E nem tão pouco será bom advogado. Será sempre um repórter...

No corredor, esbarrei com Ismael Rodrigues da Silva, o negro "Sabará", de pregos e martelo na mão. Ia consertar as cadeiras, pela terceira vez naquele dia...

## CAPITULO IX

### OS ESCRIVÃES

No tempo do Imparato, perfaziam o número de três: Pedro Balduino Lacerda, Wilson da Silva Jardim e Pedro Paulo Auran. Além desses, só o Cecil, lotado no Regional. Lacerda era escrivão de fato e de direito. Homem pequeno, mas de inteligência grande, era um oásis de bondades naquele deserto de crueldade.

Nunca consegui saber se Lacerda estava desaclimatado na polícia, ou se era a polícia que estava deslocada junto àquele seguidor da doutrina de Alan Kardec. Culto e estudioso, pedestal de honestidade e de compreensão, temia a Deus. Amante da própria Humanidade, nela acreditava e tinha fé de vê-la harmonizada com os homens de boa vontade.

Abandonou um cartório cível, lá em Itaperuna, para inscrever-se no concurso de escrivão da Polícia, no qual tirou o primeiro lugar. Veio então para Caxias, na época da barra pesada, de tiroteio quase que diário entre Tenório e Imparato.

Foi sempre quem fez o trabalho intelectual da Delegacia. A ele ainda são entregues os crimes mais intrincados da "Caxias City". Seus conselhos são sempre acatados e respeitados, emanados, não só do policial culto, como também de um homem que tem a cabeça no devido lugar.



Já Imperato o prestigiava. Dava-lhe o encargo de escrever o relatório no fim de cada ano, endereçado ao Coronel Barcelos Feio. Tudo pronto para o mimeógrafo, a fim de serem tiradas cópias para a imprensa, com pesados ataques a Tenório, Lacerda ia ao gabinete com aquela ruma de papéis. Imperato, diante de um dêles, leu a'entamente. Levantou-se, e virando-se para que Lacerda não visse quanto tinha no bôlso, tirou três notas de cem cruzeiros. E com ar de quem estava fazendo grande coisa, deu, dizendo:

— Não repara não, Lacerda, é para você tomar uma cerveja.

Pedrinho recebeu a gratificação de seu delegado, agradeceu e retirou-se para o cubículo, per'o da varanda, do camarão prédio 311.

Jamais cometeu um deslize sequer em qualquer processo. E nem tão pouco algum delegado teve a ousadia de lhe pedir. A austeridade e a integridade moral são visíveis a olho nu em seu rosto pequenino e sorridente, de articulista de editoriais, pois jornalista de artigo de fundo sempre quis ser.

Até mesmo os mais impiedosos pistoleiros respeitavam-no. Todos, menos o soldado José Messias dos Anjos, que lhe pregou dois grandes sustos.

Foi na gestão de Mont Karp, quando da morte de José Brilhante, no Campo do Vasquinho. Como era óbvio nos grandes casos, Pedro Balduino Lacerda, foi designado para o feito, e o fez com honestidade e desassombro: atolou Messias Soldado de tal maneira que lhe foi decretada a prisão preventiva.

Mas o pistoleiro tinha pacto com o Demo! Não demorou muito e foi pôsto em liberdade, quando então espalhou pela cidade que ia matar três: a mim, ao perito Wilson Louzada e ao escrivão Lacerda.

Pela primeira vez, em tôda a sua vida, Pedrinho duvidou que sua personalidade e o respeito que a todos provava lhe fôsem salvar a vida. Tomava um cafézinho, quando sentiu que alguém o abraçava por de trás. E Messias lhe disse em tom de brincadeira:

— Está vendo "seu" Lacerda? E ainda espalham por aí que eu quero matar o senhor... Se fôsse verdade, agora estava fácil.

Dias depois, à tarde, quando Lacerda, procedente do centro dirigia-se à Delegacia pela Av. Plínio Casado, tomou outro susto horrível: da esquina com a Rua das Laranjeiras, surgiu Messias,

como um fantasma de Alan Poe, cuspidor de uma catacumba:  
— Ora, se não é o "seu" Lacerda, sòzinho mais eu... Imagina se eu quisesse matar o senhor...

Meses depois, o soldado Messias é metralhado na porta do Restaurante Oceano. Dizem que foram o Dr. Amyl, o Comissário Messias e o Armando de Belo França. Mas isto é outra história...

\*

Pedro Paulo Autran era um escrivão "ad hoc" e não gostava da reportagem. Recusava-se a atender à rapaziada da imprensa, fosse a local ou viesse do Rio. E não demorou muito para incompatibilizar-se comigo, recusando-se a emprestar um processo, de onde eu precisava extrair alguns dados. Queixei-me ao Comissário Steel e êle determinou que o escrivão entregasse o inquérito. No dia seguinte, publiquei a reportagem, com um sub-título: "Alcaquete atribiliário".

No dia da publicação, já no caminho, para o 311 avisaram-me que Autran estava possesso a minha espera. Cheguei à Delegacia e na carceragem, enquanto eu verificava os boletins dos novos presos, o escrivão chegou:

— Santos Lemos, eu quero muito falar com você. Tomar um cafêzinho...

Olhei para a sua cintura. O coldre ali estava, mas vazio.

— Pois não, vamos lá.

Estranhei aquela gentileza, principalmente quando êle, com um braço nos meus ombros, numa demonstração de reconciliação, parecia levar-me para o "Paralelo 38". Foi quando disse-me, baixinho:

— "Alcaquete atribiliário" é a tua mãe, Santos Lemos!

Embolamos na calçada, um querendo ferir o outro, mais do que as palavras duras trocadas. O Investigador Hamilton Santos, o alfaiate Teixeira e o Comissário Steel, separaram-nos. Cada um foi para um lado, ruminando ódio e vingança.

Dias depois, na Estação Rodoviária Mariano Procópio, na Praça Mauá, uma senhora que não comprara passagem para o ônibus de Juiz de Fora, conseguira que um passageiro desistisse e lhe desse o lugar, do lado direito, perto da porta. O coletivo partiu, deixando o cavaleiro, e levando, dentre outros, a esposa de um industrial de Juiz de Fora, como passageira.

Na Estrada Rio—Petrópolis, já na jurisdição de Duque de Caxias, ocorreu o inevitável: o ônibus bateu em outro veículo,

## SANTOS LEMOS

e exatamente e unicamente aquêles banco em que viajava aquela senhora foi atingido. Todos os demais passageiros saíram ilesos. Sómente ela morreu, no próprio local, entre ferros retorcidos.

Estava de plantão o investigador Clóvis Pereira da Silva, que convidou-me a ir ao local. Fui e testemunhei a arrecadação de jóias que o cadáver transportava. Tudo arrolado, dei o meu nome por extenso que foi consignado no livro de registro de ocorrência.

No dia seguinte, o viúvo, procedente de Juiz de Fora, compareceu à Delegacia, e protestou sôbre o desaparecimento de um anel valiosíssimo que não tôra arrecadado. Reclamações, ameaça de ir a Niterói, consulia no livro de ocorrência.

— Quem foi a testemunha?

— Santos Lemos.

E à noite, na Boite El Cubano, eu, de consciência tranqüila, ouvia melodia e bebericava um "Cuba", em companhia do investigador Sebastião Coutinho, quando Autran, o escrivão do desastre, aproxima-se e diz:

— Santos Lemos, demorei, mas te peguei. Você vai ter que depor COMIGO no processo do desastre. Quero saber como sumiu o anel.

Anos depois, o ex-"alcaguete" Armando de Belo França, então vereador, já pela segunda vez, numa roda de correligionários políticos no Bar Líder, comentava:

— Nunca atralhei a vida de ninguém, isto é, da polícia de defender, pois polícia também já fui. Duma feita, eu estava no carro, da Delegacia, quando vi um desastre com um ônibus de Juiz de Fora, na Rio—Petrópolis. A Polícia Rodoviária estava lá e eu parei, pois êles eram meus amigos. Queria bagulhar um anel, do dedo da morta, mas vacilavam com receio. Eu mesmo tirei a jóia do dedo do cadáver da mulher e dei para o guarda. Eu sou assini, não atralho a defesa de policial nenhum.

Não eu, mas o coitado do investigador Clóvis Pereira da Silva poderia ir em um inquérito a respeito do tal anel. Imediatamente, prestei um depoimento, sôbre a idoneidade moral do "tira" injuriado, não esclarecendo todavia, quem era o verdadeiro ladrão.

## SANGUE NO 311

E Autran, agora meu amigo, não sabe quem foi o pai da criança, até hoje.

Wilson da Silva Jardim. Investigador, exercendo a função de escrivão. Nunca perdoou ninguém. Quem transcredisse um artigo do Código Penal, que se precavesse para que êle não fôsse o escrivão do feito. O mulato mandou para cadeia, não sei quantos, entre homens e mulheres, inclusive uma negra que abortara e enterrara o feto no quintal, no Mangue. Uma fabricante de alpergatas que violentava suas empregadinhas com um membro de couro.. E muitos outros.

Só não mandou Mozar Gama, o proprietário do Sítio Nazaré, que matou o próprio filho, por causa da amante. Para êste, Wilson da Silva Jardim, atendeu as ponderações do dono da Baixada, o Murixaba Getúlio de Moura, e modificou o depoimento condenatório, em troca de um lugar de Comissário, que não recebeu.

Mais tarde ,com seus esforços e inteligência, bacharelou-se em Direito, foi a Delegado e aí, novamente em Caxias, autuou em flagrante até o próprio sogro.

## CAPÍTULO X

### AS PROSTITUTAS

Eram as centenas, talvez milhares. Brancas, louras, mulatas e pretas. Chegavam do Rio, nos trens e nos lotações, espalhando-se pelas praças e pelas ruas, permanecendo nas esquinas, afrontando as famílias, chamando os homens, mesmo quando eles se achavam acompanhados pelas espôsas. Soltavam gargalhadas de deboche, quando as matronas se sentiam revoltadas com tal audácia. Fumavam maconha debaixo da marquise da Casa Jaraguá, frequentavam o Cinema Líder, não saíam do Hotel Estoril, arrastavam jovens imberbes para o Hotel Municipal.

Ocupavam desde a Praça do Pacificador até o Hotel Rio-Petrópolis, situado na artéria do mesmo nome, travessia obrigatória para as famílias que demandavam do centro para o Centenário, Corte Sete, Corte Oito, até mesmo para a "Fortaleza" de Tenório Cavalcanti. "O Homem da Capa Preta" gritava pelo seu jornal, suspirava repórter da "Luta" que acreditava ter amante no "trottoir".

Mas o manto da prostituição estendia suas rendas, na proporção direta do número dos quartos dos hotéis, que não faziam fichas, nada perguntavam, só recebiam.

Com elas, vinham os malandros, maconheiros, rufiões, contraventores. E Caxias tornava-se "Caxias City", com marafonas transitando paralelamente com môças e senhoras.

## SANTOS LEMOS

A situação chegou a tal ponto que o então vereador Waldir de Souza Medeiros apresentou na sessão de 9 de junho de 1953, o seguinte requerimento à Câmara, solicitando providências por parte do Delegado de Polícia:

"Requero por intermédio da Mesa que seja oficiado ao Sr. Delegado de Polícia para que sejam tomadas enérgicas e urgentes providências no sentido de serem, de uma vez para sempre, afastadas do centro da cidade a vagabundagem e a prostituição que estão enxovalhando o decôro e o bom-nome da cidade. Dois os trechos onde a ignomínia impera: do sinal localizado na Estrada Rio—Petrópolis até o Hotel Municipal e da cancela antiga, na Av. Plínio Casado, até Itatiaia. Se tais providências não forem tomadas, sentiremos o desmoraamento do pudor social."

Mas era malhar em ferro frio. As garras da prostituição se estendiam, alcançando gregos e troianos, como caso abaixo, publicado na "Luta" em 21 de novembro de 1954:

"Tarde da noite, compareceu à Delegacia de Duque de Caxias, o Sargento do Exército Gentil José de Góis (Estrada In'endente Maqalhães, 256, casa 3) queixando-se ao investigador Paulo Farias de que acabara de ser furtado no interior do Hotel Caxias ou na Churrascaria Vitória, ambos situados na Estrada Rio—Petrópolis.

Esclarecendo, o militar declarou que saíra de casa com mais de dois mil cruzeiros no bôlso. Em Caxias, procurou o prostíbulo da Vanda, situado na Av. Nlio Peçanha, 410, onde foi apresentado a duas decaídas, Agnêia Coutinho de Oliveira, mais conhecida por "Nêia" (brasileira, branca, com 21 anos de idade, casada, residente à Rua Professor Oscar, 53, casa A) e uma tal de Rosinha. Fizeram-se amigos e juntos passaram a beber. Alguém sugeriu continuar a farrá na Churrascaria Vitória, de propriedade de Martins de tal, o que foi aceito, com aplausos. Lá beberam: mais ainda, e depois todos os três dirigiram-se ao Hotel Caxias, a fim de ali passarem a noite. O porteiro, entretanto, recusou-se a ceder-lhes o quarto. Para três, não. Só para dois...

## SANGUE NO 311

O problema foi resolvido com uma propina e abraçadinhos, dirigiram-se ao quarto. Ali, então foi que o sargento sentiu falta de seu relógio e de uma pequenina jóia que trazia na gravata. Fêz um barulho tremendo. Agnéia, uma das prostitutas, logo também gritou, dizendo que faltava seu relógio. Ambos tinham sido roubados.

### DESPOJADOS DE TODOS OS HAVERES

Raciocinando, chegaram à conclusão de que foram furtados na Churrascaria e para lá se dirigiram, dispostos a tudo. Nas proximidades do lupanar, nova surpresa aguardava o militar naquela noite de aventuras. Quando passava por um canto escuro, um crioulo deu-lhe uma gravata, enquanto as duas mulheres o despojavam de todos os haveres. Até seus sapatos tiraram, em busca de dinheiro escondido. Só o largaram quando tiveram a certeza de que o homem nem mais cigarro carregava consigo.

### SOB A AÇÃO DA MACONHA

O sargento, machucado e humilhado, levantou-se e dirigiu-se à Delegacia. Tudo então veio à tona. "Néia" e "Rosinha" já o tinham despojado do relógio e da jóia da gravata no interior da Churrascaria. Quando o militar sentiu falta dos objetos, "Néia" muito viva, "deu por falta" de um relógio inexistente e depois o conduziu a um canto solitário, onde já o esperavam o crioulo assaltante. Elas serviam de "isca" e êle de "trouxa".

Tão logo tomou conhecimento do fato, o cabo da Polícia Militar do Estado do Rio, Lópes da Luz, mais conhecido por "Grúcho", saiu em campo, logrando encontrar "Néia", na esquina da Av. Nilo Peçanha, com o Estrada Rio—Petrópolis. Imediatamente, deu-lhe ordem de prisão e na Delegacia, depois de envolver "Rosinha" no furto, disse que, se auxiliou no crime, foi porque estava dominada pela maconha que fumara de um cigarro cedido pela colega na Churrascaria.

SANTOS LEMOS

## A LEI É DURA, MAS É LEI

Na manhã seguinte, um velho alquebrado pelos anos, compareceu à delegacia, identificando-se como sendo o 1º tenente do Exército Arthur Coutinho de Oliveira, domiciliado em São João de Meriti. Vinha fazer um pedido, bastante delicado: soltar sua filha, presa ali, na véspera.

E o comissário, que o estava atendendo, ficou boquiaberto, quando soube que o 1º tenente pedia por "Néia" que na véspera assaltara o sargento.

O militar reportou-se ao policial. Disse que já dera muitos conselhos àquela transviada. Sabia de sua vida libertina, mas nunca poderia calcular que ela um dia fôsse furtar. Pedia ao comissário que a perdoasse por aquela vez, pois outra ela não caíria. Mas não foi atendido, "Dura lex, sed lex"...

As vezes, tal era a grita de um Waldir Medeiros ou de um Deputado Tenório, quando não da imprensa, que a polícia resolvia agir, prendendo as mulheres, limpando as ruas noturnas de Caxias.

O Delegado Amyl Ney Rechaiá encarregava o investigador Jamil Chididi Antônio de deter todos os casais suspeitos que transitassem pelos locais tidos como preferidos pelas mulheres de vida fácil. Assim, dezenas de decaídas eram detidas e trancafiadas no xadrez. No dia seguinte, eram postas em liberdade, para voltarem ao "trottoir". Quando não, aplicavam a nova modalidade criminosa no comércio do amor. Conforme publicação na "Luta" de 26 de novembro de 1954, quadrilha de malfeitores passaram a usar mulheres das "boites" da fronteira fluminense para aplicar o "suadouro" nos turistas que frequentam aquelas casas de diversão.

Mas as "boites" da Baixada eram verdadeiros valhacoutos de bandidos e maconheiros, viciados e traficantes, vigaris'as e assaltantes. Esses últimos usavam mulheres para a nôva modalidade criminosa, surgida na época, que consistia em atrair um homem para determinada região, onde já aguardava o rufião que o roubava, empunhando uma pistola ou uma "peixeira."

Além das publicações dos semanários da terra "Fôlha da Cidade" e "O Municipal", "Luta Democrática" cedeu suas caras colunas à uma meritória campanha contra a prostituição. Este velho repórter foi feliz com uma matéria intitulada "Vendem



môças para a prostituição" publicada no dia 6 de julho de 1954, comentada pela cidade em pêsco pelo seu desassombro em denunciar o comércio vergonhoso e nefasto: induziam as pobres môças, procedentes do norte do país em caminhões "paus de arara", a mercadearem seus corpos nos antros de lenocínio, pomposamente intitulados de hotéis.

Diante da reportagem, sentia-se um movimento desusado na cidade. Os proprietários dos hotéis, como Antônio Soares, Nadim Cassar, Ribeiro, Freitas Lima, Antônio de Almeida Filho e muitos outros tomaram suas precauções, proibindo o franco "trottoir" de decaídas nas portas dos seus estabelecimentos. A própria polícia local na pessoa do Comissário Sebastião Steel, tomou suas providências, no sentido de efetuar verdadeira "blitz" nos lupanares, principalmente na chamada Pensão de D. Olinda Macedo, situada em frente da então Prefeitura Municipal, bem no centro da cidade. Sindicâncias foram realizadas, a tal ponto que a Câmara de Vereadores também movimentou-se, sendo apresentado o ante-projeto abaixo:

#### ANTE-PROJETO DE DELIBERAÇÃO Nº 19-54

Considerando que é atribuição da Câmara deliberar sobre matéria de higiene e de saúde pública; Considerando que é ainda atribuição da Câmara estabelecer a forma de repressão a qualquer irregularidade pública; Considerando que os hotéis vêm fugindo as finalidades para os quais foram licenciados, transformando-se em casos de tolerância; Considerando que não conta a Municipalidade com a colaboração da Polícia, para coibir os abusos que vem afrontando o decôro público; Considerando que a população não mais pode esperar pelas medidas repressivas prometidas e não cumpridas; Considerando que a própria deliberação nº 49 de 19-11-48 (Código do Município) prevê no seu art. 30 a não renovação de licença de estabelecimentos que perturbem o sossêgo público;

A Câmara Municipal de Duque de Caxias decreta e eu sanciono a seguinte Deliberação: Art. 1º — Fica o Excelentíssimo Sr. Chefe do Executivo Municipal, autorizado a não renovar as licenças dos hotéis que exploram o lenocínio — Art. 2º: A presente Deliberação entrará em vigor da data de sua publicação, revoga-

## SANTOS LEMOS

das as disposições em contrário. Sala das Sessões, em 5 de julho de 1954. (a) Fernando Pessoa de Melo, Milton Dias Pio, Wilson Bastos Ruy, Manuel Peres Montilho, Joaquim Tenório Cavalcanti José Peixoto Filho e Edson Carpes.

Em consequência, o Delegado Amyl Ney Rechaid resolveu agir determinando ao investigador Jamil Chididi Antônio que efetuasse rondas tôdas as noites pelos valhacoutos da cidade. Na madrugada seguinte até a Boite El Cubano, de propriedade de Nadim Cassar, foi "visitada". Decaídas e malandros foram transferidos para o xadrez. Eram oito cubículos, quatro de cada lado, para homens e mulheres.

Mas no dia seguinte, elas eram postas em liberdade, e à noite, voltavam ao escandaloso "trottoir" pelos locais acima mencionados. Às vêzes, as mais desbôcadas que enfrentavam a polícia, tomavam um destino que eu não descobria.

Mas sômente as negras ou velhas eram trancafiadas. As bonitas, ou com fama de prodigalizar carinhos exóticos, essas, apenas transferiam-se da esquina do pecado para um hotel das luxúrias, de braço dado com um "alcaguete", soldado cu investigador, pois quase todos êles tinham suas amantes no "bas fond", ou variavam cada noite com uma meretriz, que assim nunca era prêsa. Pouco depois de cada "ronda" a frente do carcomido prédio 311 enchia-se de malandros e rufiões, que iam subornar a polícia em troca da liberdade de sua "mina", pois anoite estava fria e muitos sem Maria. Mulher, uma noite no xadrez, era prejuízo para o caften, que assim preferia gastar quinhentos cruzeiros, para se compensar com muito mais no Hotel Astória.

Uma que não escapava a nenhuma ronda era a COFAP. Mulher enorme, tremendamente gorda, tinha seus quarenta anos, vinte e cinco dos quais, na prostituição. Viera môça ainda do nordeste, em busca de um lugar ao sol na Cidade Grande do Sul. Mas não logrou emprêgo decente no Rio, e quando a fome bateu à porta de seu barraco, prostituiu-se. Ciente de que Caxias era uma cidade aberta, para lá transferiu-se, vivendo do "trottoir". Com a aproximação da velhice e de quilos e mais quilos de banha, foi preterida pelas colegas de infortúnio com mais resíduos de beleza. Apelidaram-na de COFAP e o apelido ficou, mesmo porque ela não se importava. Sômente um amor trazia em seu grande coração, tão grande quanto o seu corpanzil. Era o seu cão, um vira-lata cheio de pulgas, que a acompanhava a

muitos anos, pelas noites escuras de Caxias. Meretriz sem "freguês", vencida a fome, na batalha do pão de cada dia, com os trocadores de ônibus ou estudantes imberbes e sem dinheiro. COFAP ganhava a vida nos pontos de lotações em locais escuros, conhecidos como "cantão", situado atrás da Fábrica de Colchões Primavera, onde hoje está o Shopping Center. Ou, atrás de um Parque de Diversão, perto da Praça do Pacificador. Ali praticava o amor proibido, ensinando as primeiras letras da concupiscência aos ginásianos ou trocadores. Mas até nestes atos, trazia consigo o cachorro, seu aliado, de quem se valia, quando alguém não queria pagar o "mixe". Cada tapa seu resolvia qualquer parada, cada mordida do cachorro punha em fuga qualquer valente.

Mas quase tôdas as noites, COFAP era prêsa. Nenhum "alcaguete", soldado ou investigador dela queria saber: gorda, velha e feia. E assim, aquela montanha de carne e de bons sentimentos, apesar da "vida fácil" que levava, era trancafiada dócilmente no xadrez. Mas levava consigo o cão, que lhe fazia companhia no cubículo, onde só cabiam quatro, mas entravam 10.

O número de prisões cresceu tanto, não só, de mulheres como de malandros, que o Dr. Amyl Ney Rechaid resolveu construir no pátio, mais três xadrezes: um para a secção de Roubos e Furtos, outro para mulheres e o terceiro para os menores delinquentes.

As infelizes assim obtiveram maior espaço e para inaugurar o novo xadrez, prenderam, pela centésima vez a coitada da CAFAP. Naquele dia, Mery, o carcereiro, tinha perdido no jogo de "sinuca" e no "bicho". Estava de mau humor, portanto, e resolveu acabar com a colher de chá de entrar até cachorro no xadrez. A mulher, pediu, implorou, chorou. Que lhe dessem bolos, que lhe raspassem a cabeça, que a obrigassem a atravessar a baia, tudo, enfim. Mas não lhe tirassem o vira-lata, única razão em sua existência. Mas Mery estava irredutível. Tinha ganas de matar seus dois parceiros de "sinuca", Natalino e Catita, que lhe levaram a "estia" da semana, e pretendia se vingar na desdita da pobre da COFAP. Cachorro naquela noite não entraria no xadrez. Era só o que faltava. Aquilo não era Jardim Zoológico!

Foi quando uma estranha modificação operou-se naquela dócil criatura. COFAP virou bicho. Agarrou-se primeiro na mesa do carcereiro, arrastando-a consigo inclusive a cadeira. Mery foi ajudado por dois soldados, que usando os caceteles de bor-

racha, conseguiram que ela largasse o móvel, mas não a porta de ferro que dava acesso ao xadrez. A mulher, gritando que queria o seu cachorro, fincou pé e não entrou.

Convenceram-na de que no xadrez dos fundos, ela podia levar o seu amigo fiel. E quando ela soltou a grade, empurraram-na pelo corredor, em direção ao quintal, sem o cão. Nova luta. A infeliz ficou possuída de uma, fúria tal, que cada safanão seu era um soldado que caía. Deram-lhe tanto, que perdeu os sentidos. Tentaram arrastá-la, puxando-a pelos braços ou pelos longos cabelos, mas o pêso era muito. E ela ali ficou, onde estivera durante meses o carro de Pedro Tenório, desmaiada, tendo o rosto e as feridas lambidas pelo leal amigo.

Quando acordou, abraçou-se ao cão, acariciando-o, dizendo-lhe palavras de platônico amor e amargas verdades aos mantenedores da ordem. Isto acabou por comover os emperdenidos policiais, até mesmo os soldados por ela agredidos.

— Mery, deixa esta infeliz levar o cachorro. Não tem nada de mais.

E o carcereiro, fungando e suando:

— Eu sou o Diretor do Presídio desta cidade. Quem decide sou eu...

Mas terminou esquecendo a derrota que sofrera no bilhar, deixando-se levar pelos sentimentos: o vira-latas entrou com a meretriz no xadrez.

\*

"Perninha" era uma decaída, que fazia a vida há mais de vinte anos entre a Praça do Pacificador e o Hotel Rio—Petrópolis. Tinha êste apelido porque puxava de uma perna. Velha, feia e aleijada. Prostituta no último degrau da degradação. Eternamente perseguida pelos policiais, que querendo provar ao Delegado que suas ordens eram cumpridas, iam para os hotéis com as bonitas e prendia as feias, as COFAPs, as "Perninhas". Nunca consegui saber o nome desta última, mesmo porque não se extraía boletim de mulheres, a menos que elas entrassem pelos Roubos e Furtos, acusados de "suadouro" ou "balão" apagado.

"Perninha" nem sempre frequentava os lupanares ou os hotéis. Não era "persona grata", pois seu minguado corpo não atraía homens de recursos. Somente operários ou esmoleres, que não podiam pagar o quarto ou a cerveja nos "rendez-vous" da Lurdes, Wanda ou Ruth.

Mas "Perninha" não podia perder uma oportunidade sequer de se defender em alguns trocados, pois mãe também era, cujos rebentos ficava numa casa da vizinha, que de tudo sabia. O marido lhe fizera aquêles filhos, abandonando-a à triste sorte e miséria. Aleijada e cheia de crianças, apelou para a prostituição, a mais antiga profissão do mundo, verdadeiro "quebra galho" das espôsas e amantes abandonadas. Pagava a vizinha para lhe tomar conta dos filhos, cujo marido de tudo sabia, mas se conformava. Eram uns trocados que a espôsa trazia, honestamente para o lar. Cuidar de filhos de prostituta não era crime, com tanto que ela não trouxesse para dentro de sua casa os amantes de 10 minutos para lhe mostrar os pequenos sífilíticos.

"Perninha" chegava em casa com o sol, transitando, puxando sua perna sêca, com os operários, rumo à Estação da Leopoldina. Cumprimentava-os. Eles, às vêzes, quando a situação estava boa, pagavam-lhe uma média com pão sem manteiga, o que para a marafona era economia. Possibilitava-a levar comida para os filhos e dinheiro para a diária da vizinha. Todos gostavam de "Perninha", com ela brincavam, dentro de um certo respeito, jamais propondo relações sexuais. Respeitavam-na, inclusive a sua desditosa profissão, que consideravam como qualquer uma outra. Era apenas um meio de ganhar a vida. Eles nas fábricas, ela no mato ou em hotel de terceira classe.

\*

Mulata de nariz achatado, baixa e rouca, gostava de cachaca e de fumar maconha. Ninguém sabia de onde viera, como se perdesse, se era casada ou solteira. Sabiam apenas que se chamava Alzirinha, que sabia dar cabeçada e rasteira como um homem. Não era bom negócio provocar aquela negrinha, um metro e cinqüenta e oito, principalmente quando bêbeda ou emacanhada.

Quando zangada, Alzirinha desafiava Deus e todo o mundo, não tinha medo de polícia, gostava de xingar os homens que passavam pela Casa Jaraguá, de braços dados com as espôsas, procedentes da última sessão de cinema. As mulheres apressavam os passos, os homens voltavam em busca de uma satisfação, que não recebiam, só risadas, quando não uma cabeçada.

Jamais dormira com soldado ou com "alcaguete".

— Nem pagando! Não gosto de "meganha" ou "tira." Só sabem fazer a desgraça da gente. Protegem os brancos, batem nos pretos. Em cima da mamãe, aqui, eles não sobem!

Numa tarde, Alzirinha "puxou" de mais. O fumo subiu-lhe à cabeça, na razão direta dos cálices tomados. Em plena Praça da Emancipação, promoveu um escarceu tremendo, para o gáudio dos motoristas de táxi sem passageiros, que se divertiam com os impropérios que se misturavam com as risadas dos alunos do Colégio Duque de Caxias, recém-saídos das aulas. As senhoras e as moças davam volta, os funcionários do Banco Itajubá chegavam à porta para apreciar o escândalo.

Passou pelo local o investigador Luís Sobrinho. Viu e não gostou. Apressou o passo para a Delegacia e determinou que os soldados "Ceará" e "Paulista" fôssem buscar a negra. Ela veio aos berros e aos palavrões, dizendo horrores dos coitados dos militares, que apenas cumpriam ordens, detestavam prender mulher.

Na sala da carceragem, havia um banco, onde eu me assentara, à espera dos acontecimentos. Luís advertiu-me que eu dali saísse:

— Sai daí, Santos Lemos, pois esta negra vai bater no lugar onde você está sentado!

Levantei-me, duvidando que alguém pudesse calcular onde uma pessoa fôsse cair sob a fôrça de um tapa.

Alzinha chegou, segura por "Ceará" e por "Paulista":

— Vocês me prende porque eu sou preta. Se fôsse branca e gostosa, trava era na cama com vocês tudo!

Luís Sobrinho até que nada era disso, nada tinha com prostitutas. Delas se apiedava, não gostava era de ladrão. Mas tinha família na cidade, sua espôsa trabalhava na Divisão de Fazenda com o Sr. Francisco Corrêa, não queria tal escândalo, de mulher à toa, promovendo arruaças na Praça da Emancipação. O tapa estalou na bochecha da negra, que como um bólido caiu exatamente onde eu estivera sentado, no local apontado pelo investigador. Alzirinha levantou-se meia tonta e outra tapa foi vibrado, agora no pé do ouvido. Tornou a cair, xingando:

— Branco do capeta! Em mim só preto é que bate!

Levantou-se com dificuldade e armou a famosa cabeçada. O investigador, mais rápido e conhecedor de suas artimanhas, pulou e em pleno ar, deu a terceira taponada.

Alzirinha voltou para onde viera e ali aquetou-se. Passou a respirar pelas duas dilatadas narinas, de saia arregaçada pelo tombo. "Ceará" pegou pelos braços, "Paulista" pelas pernas, e eis que Alzirinha foi jogada no xadrez, onde passou o resto do dia, só saindo no seguinte. Antes porém, juntamente com mul-

tas outras, lavou a delegacia, inclusive o seu próprio sangue, entre resmungos:

— Branco do diabo! Se fôsse preto, não fazia isto comigo. Duvido que "seu" Raulino faz isto!

Dir-se-ia que Alzirinha tinha uma luta com o mundo; o da discriminação racial. Achava que a pobreza que sofreu no nordeste, o seu disvirginamento na plantação de cana de Pernambuco e a prostituição nas imundas ruas de Caxias, eram produto de sua epiderme escura. Em sua filosofia, branca era prostituta por ser sem-vergonha. Preta, por necessidade.

Varreu a delegacia, de ponta a ponta, pondo o lixo nas "crateras" do assoalho, muito mais prático.

O quintal não foi necessário varrer. Já encontrou completamente limpo, com os detritos e terra jogados em um poço vazio e seco ali existente.

Quando a mandaram embora, acercou-se de mim:

— Santinho, branco de alma preta, Paga uma média? Tô durinha.

Eu gostava de Alzirinha e de seu modo franco de encarar o mundo.

## CAPÍTULO XI

### OS LUPANARES

Havia os oficiais e os extra-oficiais. Os que pagavam a estia e os que funcionavam clandestinamente, tapiando a polícia, até que um dia, "dedos duros" e investigadores invadiam, prendendo a castina e as mulheres, tomando dinheiro dos frequentadores.

O da Ruth era tabu. Protegido por um líder do P. T. B. futuro sub-delegado, era intocável. Situava-se na Rua Expedicionário José Amaro, 110, em meio às famílias que reclamavam inútilmente. Por mais de uma vez, denunciei o lupanar pelo "O Dia" pela "Notícia" e pela "Luta".

O da Wanda localizava-se na Av. Nilo Peçanha, perto do consultório do "dentista" Augustinho Poses. Wanda era pródiga em propinas, inclusive para a reportagem. Tão pródiga que hoje está na miséria, anda pelos pontos de "jôgo de bicho", fazendo pequenos recados, arrastando-se, varrendo a sala, sempre lembrando:

— Quando a minha casa funcionava, tinha boas meninas. Melhor do que muita francesa...

A da Tita, não era incomodada pela vizinhança. Ela sabia manter o certo silêncio no salão, sempre dizendo:

— Menina, não ria tão alto, olha os vizinhos. Você quer a nossa desgraça?



## SANTOS LEMOS

Quando estourava um "rififi", ela ia pessoalmente desculpar-se de porta em porta, prometendo que tal fato não iria se repetir, comprava lápis e cadernos para as crianças:

— Vão para escola, estudem. Não sigam o exemplo das minhas meninas.

No largo do Gramacho, a prostituição de quatro paredes, fêz o Q. G. Instalou-se ali três casas, que, em resumo, eram duas: a Churrascaria da Maria, e a boite do João, atrás da qual ficavam os quartos, onde também iniciava-se as obras do Hotel Gramacho.

Maria era a mais simpática das caftinas de Duque de Caxias. Mantinha suas garôtas constantemente limpas e asseadas, mandava-as sempre ao médico, um acadêmico, moço de futuro, bom sujeito.

Maria era mulher de dupla personalidade. Apesar de dona de um coração de ouro, era rígida e severa quando no lupanar, mas convertia-se em exemplar dona de casa, digna de todo o seu respeito, quando no calor de seu lar.

Fui, de um afeitado visitá-la atrás da amante de Hélio Vinagre, de Sacopã, cuja amante constava "trabalhar" em sua churrascaria. Eram 11 horas da manhã, e assim sendo, rumei para a sua residência, no Pantanal. Pensei encontrar o mesmo ambiente, de urinós e toalhinhas, espalhados pela casa. Puro engano. Maria se seu compeheiro "Bira", pai de seus filhos, prodigalizou-se em gentilezas como qualquer dona de casa, apresentando-me a seus filhos, exibindo o álbum de retratos de seus parentes, lá de Pernambuco, mostrando-me a residência de dois pavimentos.

"Espôsa" amantíssima, mãe zelosa e boa dona de casa, jamais alguém poderia calcular que das 20 horas em diante, aquela matrona fôsse uma famosa caftina da Baixada Fluminense.

\*

Lurdes mantinha seu lupanar à margem da então Nova Rio—Petrópolis, atual Washington Luís. Mulher má e sem en'ranhas, tinha o corpo salpicado de manchas e não perdoava um cruzeiro na despesa. Quando um freguês dava o "beijo" que a coitada da menina se arranjasse, pois o aluguel do quarto situado em cima, era descontado em suas futuras comissões.

Maria, mulher do "Bira" era a sua gerente e com ela aprendeu a trabalhar, mas não adotou os seus métodos cruéis, quando

instalou a sua casa no Gramacho. Este foi o motivo deser eu sempre simpático a ela, mas nunca gostar de Lurdes "Pintada".

Estourou a revolução na Argentina. Peron vivia nas manchetes bombásticas dos jornais e o sobrenome de Lurdes era Peon.

Um dia, insuflada pelo fiscal de Censura, Messias Rufino, a polícia do 311 resolveu dar uma batida na pensão do quilômetro dois da Nova Rio—Petrópolis. Trouxe todo mundo prêso, inclusive a Lurdes, que passou o resto da noite do infêido xadrez. Deram-lhe, como "colher de chá", apenas uma cadeira, para que ela não se sentasse no cimento frio.

Aproveitei a oportunidade e a semelhança do sobrenome para publicar na primeira página da "Luta Democrática": "ESTOURADO O RENDEZ-VOUZ DE LAURA PERON".

Esgotou a edição e transbordou o ódio da "Pintada"...

\*

Mas o lupanar predileto de Caxias era a "Boite El Cubano", localizado na Av. Rio—Petrópolis, quase em frente à Rua das Laranjeiras. Era de propriedade de Nadim Cassar, que também era dono do Hotel Municipal, situado ao lado, com acesso pela papelaria. A "Mariposa" na mesa, após forçar o freguês a ingerir falsas e caras bebidas alcoólicas, leva-o para um quarto do hotel do mesmo proprietário, passando por dentro da repartição onde se guardava chapéus e casacos. Evitava assim que se descesse as escadas ou que alguém visse o lance. E não havia dúvida de que o casal não procuraria outro hotel, como Caxias ou Rio—Petrópolis.

Dentre os indivíduos que viviam exclusivamente do lenocínio (1º) sobressaía o corpulento pistoleiro José da Fonseca, vulgo "Ferreirinha", brasileiro, branco, então com 41 anos de idade, residente no quilômetro 40 da Estrada Rio—São Paulo, onde estava situada a sua boite denominada "Rancho das Acácias". Não fizera muito tempo que ali ocorrera duplo homicídio, onde perderam a vida o sub-delegado de Itaguai e um comerciante. A rivalidade entre lupanares, em disputa de mulheres, motivara o crime. Na época, "Ferreirinha" levou um tiro na perna. Ficou internado no Hospital Getúlio Vargas e quando saiu deu um balanço no estoque de meretrizes existente em seu "rancho". Mulheres, bastante conhecidas, já não mais atraíam a atenção

(1º) «Luta Democrática», 18-12-54

## SANTOS LEMOS

dos freguêses. Diante disto, o explorador de lenocínio dirigiu-se a Caxias, onde na "Boite El Cubano", situada na Av. Rio—Petrópolis, 1933, apreciou as bailarinas. Logo sentiu desejos de levá-las para seu "rancho" a fim de não perder os frequentadores. Contra isto, entretanto, se rebelou o gerente do "El Cubano", principalmente quando "Ferreirinha" agrediu a "lady-crooner" Luna Morena, cujo verdadeiro nome era Mercedes Souto, brasileira, branca, solteira, então com 21 anos de idade, residente no Hotel Municipal, situado ao lado da "boite".

Indivíduo violento, José Fonseca ameaçou de morte o gerente do lupanar, hoje pessoa de integridade moral recomendável, motivo pelo o qual evitamos a publicação de seu nome.

O ameaçado dirigiu-se imediatamente para a delegacia, onde apresentou queixa ao Comissário Sebastião Steel. Perto, em frente à Delegacia, estava o famigerado soldado da Polícia Militar José Messias dos Anjos, que imediatamente prontificou-se a ir, sozinho buscar o "valiente", vivo ou morto. Steel recusou o oferecimento, preferindo ir pessoalmente mas em companhia dos investigadores Luís Sobrinho, auxiliares José Elídio Machado, Evódio César de Almeida e Euclides Reis Filho, este último, hoje, perito de polícia. Fui junto, com o meu fotógrafo Sebastião Sabino da Silva, o "Tip-Top".

"Ferreirinha" foi desarmado sem resistência, quando viu a disposição da polícia, de pistolas em punho. Levado para a Delegacia, viu-se atuado por porte de arma, perdendo um valioso "Parabelum" que guardava à cinta.

Antes de pagar a fiança, porém, foi devidamente fotografado pelo "Tip-Top", sendo a matéria publicada no dia 18 de dezembro de 1954, na "Luta Democrática".

## CAPITULO XII

### OS JORNALISTAS

O Delegado Albino de Souza Martins Imperato vestiu o palitô e saiu de seu gabinete no 311. Na sala de espera, já o aguardavam os "alcaguetes" "Bereco" e "Ruído". Com os dois em seus calcanhares, a autoridade dirigiu-se à sala da secção de Roubos e Furtos. Abriu a porta e encontrou diversos investigadores e mais "alcaguetes" jogando "ronda" com o repórter Barreira, da "Notícia" e "O Dia". Não se perturbou com a contravenção pega em flagrante, pois o jogo campeava em Caxias, naquela fatídica noite de 26 de agosto de 1953. Não só em todo o município, como no interior da própria Delegacia de Polícia de Duque de Caxias.

Perguntou:

— Barreira quer ir beber um uísque comigo e Norma? "Bereco" e "Ruído" vão também.

O jornalista levantou a vista das cartas, encarou o Delegado e agradeceu:

— Não, doutor. Muito obrigado. Estou ganhando e quero aproveitar a maré de sorte para depenar êstes "patos".

Imperato sorriu e fechou a porta. Saiu do 311 com os dois auxiliares, entrou em seu carro. Pela última vez, pois minutos depois, recebeu uma saravada de balas de metralhadora, que lhe ditou a morte. Dêle e de "Bereco". "Ruído" levou só um tirinho na perna, e pelo seu "heroísmo", foi nomeado investigador.

## SANTOS LEMOS

Dizem Pedro Tenório e Cícero, na polícia, ao Delegado Wilson Frederici, em Juízo, ao Dr. Navega Creton e em plene Tribunal de Júri — por duas vèzes, pois houve apelação — ao Dr. Ary Fontenele, que quem puxou o gatilho da "Lurdinha" foi o Deputado Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque.

Mas o fato é que se Barreira não estivesse ganhando, toparia o uísque e poderia ser igualmente barbaramente assassinado.

Esse raciocínio não é só meu. Foi do próprio Barreira também, tanto assim que procurou o secretário de "A Notícia" pedindo outro setor, mais pacato, sem risco de ser metralhado. O secretário, Dr. Otacílio, topou, pois o responsável pelo plantão da madrugada — um tal de Santos Lemos — também vivia querendo ver o sol, cansado de tanta lua. E trocou: Barreira, de madrugada; Santos Lemos, para Caxias.

E assim no dia seguinte da morte de Imparato, vim, em caráter definitivo, para a terra de Lima e Silva. Já daqui quis sair, e não me aceitaram de volta na redação. Agora, querem que volte e sou eu que não quero sair.

E com isto fiquei sendo o mais antigo repórter de polícia para os jornais carioca em Duque de Caxias, e segundo no Estado do Rio, já que o primeiro é o Walter Ferreira, de Nova Iguaçu.

O caxiense — ou melhor o morador no município de Duque de Caxias — quando vê um jornalista enxerga um assalariado de políticos ou um acharcador.

Não compreende de forma alguma que um homem de imprensa publique algo contra alguém que não seja seu inimigo político, ou então porque o atacado não deu a costumeira propina. Não entende a real finalidade da Imprensa, que seja a de informar, com independência. Se um jornal atacasse Tenório, era porque o repórter ou o diretor do jornal era inimigo político do "Homem da Capa Preta", ou então porque o deputado não quis dar-lhe dinheiro. A mesma coisa com Imparato, com Zé Dantas, com Nadin Cassar, com a Rainha do Aliança, com o português da esquina.

Jornal era veículo de propaganda política ou de ataques.

Na concepção do caxiense — ou melhor do morador de Caxias — Santos Lemos era inimigo de Feio, pago por Tenório.

e quando atacava o conc do Hotel Astória ou o João "Bicheiro" foi porque, no sábado, lhe faltou a estia...

E como, com o passar dos anos, consegui representar oito jornais cariocas, tudo aquilo que a imprensa do então Distrito Federal publicasse era de minha responsabilidade. Lembro-me que quando as agências telegráficas enviaram para todos os jornais do mundo o boato de que Peron teria se suicidado, a "Luta" publicou em manchete:

### SUICIDIO DE PERON

Havia em Caxias um peronista fanático: Joaquim Lemos, hoje falecido. Quincas, amarrando o exemplar na mão, procurou-me visivelmente irritado:

— Então você diz na primeira página que Peron se matou? Isto é mentira.

Tentei explicar-lhe que a manchete era do secretário do jornal, o Santa Cruz Lima, produto dos telegramas das agências. Que eu era apenas um repórter policial de Caxias, nada tendo a ver com o que ocorresse fora do meu setor, quanto mais na Argentina. Mas foi tudo inútil:

— Que nada Santos Lemos. Você não é mas é homem para confessar o que faz!

Era assim o falecido Quincas Lemos. Era assim a impressão que o povo de Caxias tinha sobre imprensa.

Meses depois, o mesmo personagem envolve-se em um homicídio em Nova Iguaçu, largamente explorado pelo "O Mundo". Seu nome saiu na nota e eis que foi novamente o irritado homenzinho me procurar na própria Delegacia:

— Então, Santos Lemos, agora eu sou assassino? Quanto é que você quer para parar com isto?

Olhei a matéria: crime em Nova Iguaçu, jornal "O Mundo":

— Quincas, por desgraça minha você ainda tem o mesmo sobrenome. Sou repórter do setor de Caxias, não de Nova Iguaçu. Trabalho em diversos jornais, mas não no "O Mundo". O que eu tenho com isto, meu amigo?

— Que nada Santos Lemos. Você não é mas é homem para confessar o que faz!

Bom e obtuso Quincas... Acabou morrendo...

\*

O Sr. João Carrando era o coletor estadual de Duque de Caxias. Ninguém podia alugar sala, quarto ou casa, sem passar

## SANTOS LEMOS

pelas suas mãos. Era uma espécie de Mário Delano, e eu, com cada vez mais crescente número de jornais que, sequiosos e sedentos, exigiam mais sangue, vi-me na contingência de alugar uma sala no Edifício Chaim, para, com o fotógrafo Sebastião Sabino da Silva (1º), atender o sadismo dos secretários dos diários.

Fui, assim à Coletoria, pagar o impôsto. Em lá chegando, paguei com notas diversas, de valores diferentes e que não estavam dispostas em ordem crescente, como de 10, 20, 50, 100 e assim sucessivamente. Foi o bastante para o homenzinho virar fera e me destratar. Obrigou-me a arrumar o dinheiro, paguei e recebi um "papagaio" com uma diferença de dez cruzeiros. Pedi explicações sôbre aquilo. E êle esclareceu:

— O trôco é do Jair, meu auxiliar. Não ganha nada do Estado e de graça é que não vai trabalhar.

Achei aquilo tudo um grande desaforo.

\*

Se era uma gratificação, redundaria em espontaneidade. Eu daria quanto, como e de que maneira bem entendesse, não es:ia obrigatoriedade, que nem constava no recibo. Fui-me embora sem o trôco, mas no dia seguinte estampe: o fato na "Luta".

Cêrca do meio-dia, na Av. Rio—Petrópolis, perto da Rua Humberto Campos, Carrando, carrancudo, aproximou-se de mim:

— Você que é o Santos Lemos?

Deduzi logo que andara perguntando pela cidade quem seria o autor da nota.

— Sim, sou eu.

— E foi você quem publicou isto?

E me exibiu um amarrotado exemplar da "Luta".

— Sim, fui eu.

Carrando recuou um passo e a bofetada estalou na minha cara. Atraquei-me com o coletor, e, como dois autênticos moleques, rolamos no asfalto. Passava pelo local o então vereador Gonçalves Moura, hoje diretor do semanário "Correio de Caxias", que correu a nos separar. Saí, com cinco dedos estampados na cara, e Carrando com um ôlho preto e, ainda por cima, mancando.

(1º) Depois de recuperar-se do vicio da embriaguês, Tião, hoje em dia trabalha para a Escola de Motorista São Francisco, de Jaime Vianna Lima.

Não comentei o incidente com ninguém e nem publiquei o fato. Achei que tinha saído ganhando na briga e estava satisfeito. Dois dias depois, fui à casa de Tenório receber instruções sobre reportagens para a "Luta", lá encontrando o Sílvio Goulart, diretor do "Jornal do Povo". Na varanda da antiga "Fortaleza", Tenório chupava laranja, e Sílvio não perdeu a oportunidade para contar o corrido, exigindo enérgicas providências contra o truculento coletor.

Tenório ouviu tudo espantado. A proporção que Sílvio falava, surgiam espumas no canto da boca do Deputado. Lá para as tantas, êle bravejou:

— Então, Santos Lemos, um homem meu é agredido, por ter cumprido o seu dever, e não me diz nada?

— Mas, Deputado, eu ganhei a briga. Para que me queixar ao senhor?

Mais espuma no canto da boca:

— Isto a mim não interessa. Homem meu não é agredido.

Você, trabalhando para mim, não se manda. Tem que contar tudo.

E logo em seguida:

— Telefona para o Santa. Quero falar pessoalmente com o secretário do meu jornal.

Cinco minutos depois de tocar aquela maldita manivela, conseguiu a ligação da casa de Tenório para a redação da "Luta".

— Santa? É Tenório. Santos Lemos foi agredido pelo coletor, aqui de Caxias, e temos que tomar providências. Vou ditar um artigo para a terceira página, e quero que saia em grande estilo. É o seguinte:

E começou a ditar um pau tremendo contra o pobre do coletor que cobrava mais dez cruzeiros para dar ao auxiliar. Disse diabo do Carrando, inclusive que custeava caras mulheres, com o dinheiro que achatava dos cassinos.

Virgem! E nem havia roleta funcionando na época.

A nota teve grande repercussão, e eis que Carrando procurou o Deputado em sua residência. Foi pedir desculpas e implorar que paralisasse com a campanha de descrédito que o estava prejudicando seriamente.

— Você teve a audácia de agredir um homem meu, cabra safado! Quem bate em Santos Lemos, bate em mim!

O coletor estremeceu.



— Deus me livre de pensar em semelhante coisa, Deputado. E nem eu bati em seu repórter. Ele sim foi que me agrediu. Olhe aqui!

E apontou um olho roxo e uma camela esfolada.

Tenório gostou. Sílvio Goulart não tinha contado a história direito. Ergueu o dedo aleijado, consequência de um tiro de "Bereco" na porta da Associação Cmoercial de Caxias, e sentenciou:

— Vá-se embora, Carrando, que o que é seu já está guardado.

— Pelo amor de Deus, Deputado.

O "Homem da Capa Prêta" apontou a porta da rua:

— Não vou te fazer nada, não. Vai ser apenas transferido. E não é que o homem sumiu mesmo de Caxias?!

\*

Na época, o município contava com dois semanários: "Fôlha de Caxias", de Ruyter e Zoelzer Poubel, hoje "Fôlha da Cidade" e "Jornal do Povo", de Sílvio Goulart, cuidando mais de interesses de São João de Meriti. Havia um terceiro, então paralisado, "O Municipal", de Euricles Aragão, no momento trabalhando na Imobiliária de Celso Goulart, no Rio, irmão do diretor do segundo hebdomadário. Jornais de fronteira, e da Baixada Santarenca, não possuíam o encanto dos jornalinhos da província cuja máxima atração reside nas colunas sociais, com trovas e poesias dos poetas da terra. Em Caxias, até a imprensa é diferente, e não poderia deixar de sê-lo, pois jornal é o porta-voz de uma coletividade, reflete o pensamento desta mesma coletividade. Eis, por exemplo, uma nota no "Jornal do Povo":

### O LEITE ESTÁ MATANDO MAS, OS AMBICIOSOS ESTÃO VIVENDO A TRIPA FÔRRA...

Se há uma tecla em que não deixaremos de bater, porque a tanto nos leva a defesa da saúde da população de Duque de Caxias e de São João de Meriti, é esta do leite. Do leite estragado ou defraudado que está sendo vendido ao povo.

E o fazemos até com maior veemência porque, conforme ninguém ignora, a péssima qualidade do produto está causando doenças as mais graves às crianças, aos velhos e aos enfermos. Dessa forma, ao invés de alimentar, o leite está matando.

Ora, nenhuma voz autorizada e sincera poderá deixar de se

erguer contra esses malefícios causados por uma côrte de ambiciosos que desejam multiplicar seus lucros à custa do sacrifício da coletividade.

Parece que, na situação em que se encontra o problema comprovamos vários casos de moléstias perigosas causadas pela má qualidade do leite entregue ao consumo público, deve o govêrno do Estado designar funcionários de sua confiança para dar combate, em São João de Meriti e em Duque de Caxias, aos que vendem leite defraudado ou então, o que é mais grave, em estado putrefato.

Como está é que não pode continuar. Os responsáveis têm que ser severamente punidos. Crianças, velhos e enfermos não podem continuar expostos, como estão, de fato, dada a desídia de certas autoridades, ante a sêde de lucros criminosos e aludrados, dos que vendem leite em mau estado...

E a "Fôlha da Cidade" "pisava em brasas:"

Quando se dirigia para a sua residência junto ao Hotel Ribeiro, isto à uma hora da madrugada do dia 26, foi assassinado o Delegado Albino Martins de Souza Imparato, juntamente com o investigador conhecido por "Bereco". Segundo testemunhas que passavam pelo local no momento da ocorrência, o carr de Imparato, de marca Hudson, foi alvejado por vários indivíduos que se encontravam no interior de um outro automóvel. O Delegado recebeu um projétil na cabeça, tendo morte quase que imediata. Juntamente com o investigador "Bereco" foi transportado para o Hospital Getúlio Vargas e posteriormente para a Secretaria de Segurança Pública do Estado. (1º)

\*

Com o lançamento de "Luta Democrática" de Tenório Cavalcanti, Caxias, passou a ter, praticamente, um jornal diário, mais em moldes mais sanguinolentos, principalmente com o advento do secretário Santa Cruz Lima, que explorou de maneira bárbara os crimes da terra. E o povo, sem atinar com a péssima propaganda, extinguiu os milhares de exemplares que diariamente chegavam às bancas, ávidos do próprio sangue, dilacerando a própria carne.

Francisco Medeiros Chaves, com seu "Flashes de Caxias", explorava fatos pitorescos da cidade, narrando, com estilo todo

(1º) «Caxias, ponto a ponto» de Laís Costa Velho

## SANTOS LEMOS

seu, incidentes sociais e políticos, que deixaram marcos na História da Imprensa da terra.

É-lo:

### FLASHES DE CAXIAS

Os batoteiros e exploradores do lenocínio continuam com suas "baiucas" e seus alcouces no coração de Caxias. Em quase tôdas as ruas da cidade, há tavolagens e pocilgas, onde homens fluminense faz ouvidos de mercador, não reprimindo o vício para explorá-la.

Já fizemos diversos apelos às autoridades estaduais, pedindo medidas acauteladoras da dignidade caxiense. Mas o govêrno fluminense fêz ouvidos de mercador, não reprimindo o vício para não molestar, talvez, a fome de ouro dêsse tarimbeiro que emporcalha o título de coronel — Agenor Barcelos Feio.

Em frente à Prefeitura de Caxias, a espelunca de dois ou três portugueses, que desonram as tradições da colônia luzitana, continua a funcionar, reunindo, nas seus salões escuros e imundos, nos seus quartos fétidos, a escória da maldragem dos nossos criminosos e gatunos da pior estirpe. Mulheres que constituem o mais baixo rebutalho do meretrício, ali se reúnem, num atentado permanente à dignidade das famílias e à honra de Caxias. E as autoridades fluminenses não se preocupam com o que se passa no loco de degradação, mas sòmente com as "granas" encaminhadas pelo Bordel à "caixinha".

Mas não é só ai que encontramos em plena missão corruptora a escola de contravenção oficial do Estado do Rio, em Caxias. As "casas de tolerância" semeiam-se em tôdas as ruas, passando essas vias públicas a se chamarem rua da Ruth, da Neli, etc., etc. Perderam já os nomes oficiais, ostentando nomes e apelidos de caftinas desavergonhadas.

Não é, porém, só o lenocínio o único ramo explorado pela companhia do coronel Feio. O jôgo também campeia no município por obra e graça do celeberrimo "provisório".

Agora mesmo, o conhecido batoteiro João Bicheiro se apressa para inaugurar um cassino em Caxias. É mais uma casa de degeneração que o contraventor instalará nesses próximos dias, o que denunciámos às autoridades na Nação, reclamando providências, em nome do povo caxiense.

Esses pulhas não podem continuar desrespeitando às leis e à Constituição, porque constituem sempre ameaças à decência e ao regime. Eles enriquecem à proporção que o povo, que eles exploram, empobrece e se degrada.

## CAPITULO XIII

### OS POLITICOS

Poucos são os realmente filhos da terra, não só da Velha Província, como também dos estados vizinhos. Vieram do norte ou do nordeste, alguns corridos, outros ameaçados de morte ou de fome. Entraram na cidade aberta de então, e ali candidatavam-se. E eram eleitos, sem que ninguém, nem sequer os poderes competentes, vasculhassem o seu passado.

Bastava angariar popularidade, mesmo que esta fôsse negativa.

Pistoleiro era sinônimo de corajoso e assim sendo, acreditava-se que poderia fazer algo pelo lugar ou pelo povo. Não sabia este mesmo povo que estava criando uma cobra para ser mordido.

Não a primeira Câmara, constituída por homens de boa vontade, formados, seieccionados, como seja:

Presidente: Coronel João Teles de Bittencourt Vice-Presidente: Dr. Hélio de Albuquerque Soares. 1º Secretário: Dr. Mozart Contra da Gama e Silva. 2º Secretário: Waldemar de Almeida.

A impressão que se tinha, diante da primeira Câmara, é que as outras seriam melhores, mais seleccionadas ainda. Puro e lamentável engano. A política descambou para a politicagem, com as hostes do P. S. D. tudo dominando, de trabuco em punho, com uma polícia com outra finalidade, com o pano verde cobrindo, a Rio—Petrópolis e o próprio centro da cidade.

## SANTOS LEMOS

Volta e meia, ensaiava-se defesa pelas reivindicações populares como a sessão realizada no dia 10 de junho de 1953, onde estavam em pauta vários projetos de alto alcance social. Nela destacou-se o Vereador José Peixoto Filho, pedindo urgentes providências para ser constituída a Comissão de Preços do Município, para evitar a ganância desenfreada de certas padarias. Vendiam o pão por unidade, quando a lei determinava a venda por quilo. Peixoto Filho solicitou também uma Comissão de Vereadores para constatar "in loco" essas irregularidades já denunciadas pelo "Jornal do Povo", de Sílvio Goulart, tendo como exemplo a Padaria Popular, sita à Av. Nilo Peçanha, 48.

Peixoto Filho, depois de defender brilhantemente o seu requerimento, com fundamentos seguros, criticou a atitude do presidente da Associação Comercial, que, em ofício dirigido à Câmara estranhava os termos desse requerimento. O orador esclareceu que a obrigação de uma associação de classe, a seu ver, era oferecer aos representantes do povo, as medidas coercitivas para refter a ganância desses tubarões, dando o bom exemplo.

Em seguida, fizeram uso da palavra, os vereadores Francisco Gonçalves de Moura e Milton Dias Pio, o primeiro levando ao plenário um pão de Cr\$ 1,50, pesando 130 gramas, comprado minutos antes, para provar o alegado.

Em consequência de tais inflamados discursos, as autoridades da Economia Popular de Niterói, em ação conjunta e enérgica com a fiscalização da Comissão Estadual de Abastecimento e Preços, em feliz diligência, autuou diversos maus comerciantes.

Mas nem sempre, os candidatos eleitos expressavam a vontade popular. Havia burla nas urnas, cabala na fila, até incêndio no Fórum para destruir resultado de eleições.

Em 1947, até defuntos votaram (1º). Muito politicóide insignificante que andava pela cidade a jactar-se de importante, andou com manchetes de títulos falsos e uma meia dúzia de cupinchas votando à pamparra, isto é, diversas vèzes, com outras identidades.

E assim, um "João Ninguém", ilustre desconhecido, converte-se, da noite para o dia, em líder do povo...

Em 1950, o panorama não foi diverso. Não melhorou com relação ao pleito anterior, depois da redemocratização do país.

(1º) aFolha da Cidade, de 7-2-1954

Os escândalos se repetiram e muitos malandros eleitorais se fariaram de burlar a lei, com títulos falsos, em tão grande volume que eram até negociados entre particulares...

Em 1954, haviam milhares de títulos a serem substituídos e quase nenhuma qualificação ou trabalho nesse sentido. O prognóstico, em consequência, para as próximas eleições era de que o comparecimento de eleitorado às urnas seria nenhum.

\*

"Fôlha da Cidade" apelava ao próprio Juiz "Mas é preciso que se apresse êsse trabalho, sobretudo é indispensável a geral substituição dos títulos, para que se não repita mais a vergonheira da votação falsa, a anarquia eleitoral e a desonestidade campeando sem peias, dentro e fora do Município.

Nós, que não desejamos outra coisa senão a lisura e a perfeição dos métodos democráticos, apelamos ao Exmo. Sr. Dr. Navega Creton para que intensifique essa substituição geral, porque só procedendo assim poderá S. Excia. executar um pleito honesto, um pleito limpo à altura do seu nome imposito e austero. Os verdadeiros homens de público não desejam outra coisa. O cáos e o descontrôle eleitoral só interessam aos políticos sem valor, aos políticos profissionais, responsáveis pela derrapada tremenda de regime e pela corrupção que envergonha à Nação perante o Mundo.

O futuro de Caxias, Sr. Dr. Navega Creton, está em suas mãos."

Mas tudo continuou como dantes no Quartel de Abrantes. Conforme "Luta Democrática" publicou em 23 de setembro de 1954, considerável número de eleitores ainda não tinham recebido os seus documentos no Fórum local, graças à anarquia reinante, que persistiu, apesar dos esforços do escrivão eleitoral, Sr. Agnaldo Nobre Lacerda. Certos títulos para a revisão já tinham sido entregues há cinco meses e só naquela data é que foram para Niterói, o que valia dizer, seus titulares não poderiam votar. Mas na hora h, votavam até mais de uma vez...

Novas esperanças, foram renovadas, quando o Dr. Navega Creton foi substituído pelo Dr. Amaro Martins procedente da Comarca de Bom Jesus de Itabapoana. O Meritíssimo tornara-se

famoso pelo fato de ter transferido o lenocínio do centro da cidade para locais mais afastados e obrigou a alfabetização. Era "uma autoridade branda, porém, enérgica, quando necessário".

A grande promessa eleitoreira, usada por todos os candidatos, era a solução do angustiante problema da água. Todos prometiam, ninguém cumpria, para que não cessasse a fonte de angariar novos votos do povo sedento.

Canalizações de potência, trazidas para Caxias e abandonadas na Praça 25 de Agosto pelo Governador do Estado em seu último comício, ainda continuavam no dia 23 de setembro de 1954, no mesmo local, servindo de bancos para casais de namorados e esconderijos de meninos que brincavam de "bandido e mocinho". (1°).

Entretanto, em que pese a precípua finalidade que era a de canalizar a água inexistente, os canos foram destinados à caça de votos, como o foram em 1950. Neste ano, o então Governador, em sua campanha política, prometeu o precioso líquido aos caxienses, e até à véspera das eleições a seca continuava.

A cidade, nos dois últimos anos que antecediam o esperado 3 de outubro vivia movimento desusado, com alto-falante berrendo nomes de candidatos, com paredes pixadas, simples candidatos já soltando e prendendo corregionários e inimigos, o delegado não tendo mãos a medir, querendo satisfazer gregos e troianos. Acabava por atender somente o P. S. D. e P. T. B. em detrimento dos outros candidatos, respeitando apenas a Tenório, por mais que o Deputado Getúlio de Moura esperneasse.

Até o dia do encerramento de inscrições no Tribunal Eleitoral, inclusive transferências e revisões, haviam sido feitos 19.031 pedidos de inscrições, 6.495 transferências e 10.000 revisões. Essas parcelas somadas davam um total de 35.526 eleitores, aptos a votar, desde que retirassem seus títulos do cartório para o próximo 3 de setembro, quando foi então publicada a lista geral.

Encontravam-se prontos para entrega nada menos do que 15.000 títulos, mas somente 5.000 eleitores preocuparam-se em apanhá-los, até o dia 23 de agosto de 1954.

Membros da famigerada "Turma do Esculacho" e jovens de sadia intenção formaram o Centro da Mocidade Renovadora de Duque de Caxias que no dia 22 de agosto de 1954, reuniu-se

(1°) «Luta Democrática», de 23-5-54.

mais uma vez no auditório da Emissora local, de propriedade de Zoelzer Poubel. Foi então estudada a hipótese de participação dos jovens nas lutas políticas do município. O esforço dos rapazes pelos assuntos de responsabilidade repercutiu bem em toda a cidade.

Tenório, direta ou indiretamente, estava em todas, pelo menos seu nome era mencionado nos diretórios de todos os partidos. Compareceu no dia 7 de junho de 1953 à Convenção do Partido Republicano de Duque de Caxias, e como demorasse a chegar, os trabalhos sofreram um atraso de uma hora, pois o presidente, Coronel João Teles, não quis dar início, sem a presença do parlamentar.

Eis que afinal chegou o "Homem da Capa Preta", onde já se encontravam componentes do P. R. militantes na Câmara dos Deputados e Senado Federal.

Abertos os trabalhos o Coronel João Teles, numa demonstração de cavalherismo e elevado espírito político, passou a presidência da Mesa ao Deputado Federal José Guimarães, um dos grandes valores do P. R. naquele Legislativo.

S. Excia, prosseguindo, deu a palavra ao Deputado Estadual Dr. Oldemar de Almeida Franco, que após a leitura da ata, fez um bellissimo discurso, discorrendo sobre a solenidade, fazendo ao mesmo tempo uma exposição de seus trabalhos no Legislativo Fluminense.

Em seguida, fez uso da palavra o vereador Waldir Medeiros que, com a sua costumeira eloquência, brindou aos representantes com um improvisado agradável, entrecortado de aplausos.

Também o Deputado Natalício Tenório Cavalcanti que, com a sua presença, honrou a solenidade dos republicanos, usou a palavra, fazendo um brilhante discurso, repassado de filosofia e evocando a cada momento os grandes vultos da letra e da literatura. (1°)

Tal solenidade fez com que o 1° Secretário do Diretório da União Democrática Nacional, Dr. Salvador da Rocha, distribuisse para a imprensa local, uma comunicação, datada do dia 11 de junho de 1953, fazendo público que deixou de realizar no dia 7 a reunião extraordinária que estava marcada, atendendo a circunstância de realizar-se no mesmo dia e hora prefixados, a convenção municipal do P. R. a que sempre esteve ligada a U. D. N. Ficou remarcada, por deliberação unânime dos que com-

(1°) Jornal do Povo, de 14-6-53.



## SANTOS LEMOS

pareceram, para o dia 14, às 10,30 horas, na sede provisória, sita na Estrada Rio—Petrópolis, nº 2093, residência de Tenório, ficando convidados todos os membros do mesmo Diretório para esta reunião. E no dia fixado, tratou-se dos seguintes assuntos:

1º) — Assuntos de natureza partidária relacionados à futura sede municipal da U. D. N. nesta cidade e os demais de caráter econômico e administrativo do Diretório;

2º) — Preenchimento de uma vaga do Diretório;

3º) — Matéria pertinente ao interesse político moral e econômico de Duque de Caxias, ligado à atual vida administrativa do município. Orientação local da U. D. N. em face dos acontecimentos.

De todos os políticos, talvez por ser de esfera federal, quem mais viajava pelo interior do Estado do Rio, era Tenório. Poucos possuíam a resistência deste caboclo nordestino. O homem não parava, dando trabalho à sua comitiva, que passava fome e sono, pelas estradas sem fim.

No dia 23 de maio de 1954, após um ligeiro almoço, em Campo Grande, na casa do diretor da Agência da "Luta Democrática" para o "Sertão Carioca", o Deputado, acompanhado de grande comitiva, seguiu para o Núcleo Colonial de Piranema, onde foi festivamente recepcionado pelo povo, não só da Colônia como de todo o município de Itaguaí, inaugurando a sede do Sete de Setembro F. C. e o seu 1º escritório eleitoral. Depois de saudado, em nome do povo, pelo jornalista Edgard Luiz Duque Estrada e pelo colono Heráclito Guedes de Medeiros, Tenório falou, traçando os novos e definitivos rumos políticos. As ruas da localidade foram embandeiradas e os colonos abateram 4 bois para um churrasco monstro que ofereceram ao parlamentar. (1º)

(1º) «Luta Democrática» de 23-5-54

## CAPÍTULO XIV

### A CIDADE

Poucos municípios do país cresceram tanto por iniciativa privada. O Governo, o eterno ausente, não movia uma palha, como medo de prestigiar o ferrenho inimigo político, o Deputado Tenório Cavalcanti, já que este não perderia a oportunidade de aparecer como a pai da criança. E habilidoso como sempre foi, não perderia mesmo a chance, pois dela sempre se aproveitou, diante da inércia e do descalabro, para atacar o "grupe" de Amaral Peixoto.

Toáavia, já naqueles belicosos tempos, Caxias crescia. É bem verdade que raramente uma rua era calçada, cidade sem praças para folguedos infantis, e sem "footing". Crianças só brincavam nos falsos parques de diversões, enquanto os pais perdiam os trocados nas mesas de jogo.

Mas os prédios eram soerguidos, lado a lado, com outros condenados, como os em frente à Estação Ferroviária, onde Francisco Gonçalves Moura e Serra Cardoso tinham os seus escritórios.

Manancial inesgotável de reportagens Caxias, foi — e ainda é — a "menina dos olhos" da reportagem curiosa, como uma autêntica Chicago, — pelos seus crimes, — muro de lamentação — pelas suas reivindicações, cidade cosmopolita, de fronteira

## SANTOS LEMOS

com a então Capital da República, plena de contrastes berrantes e interessantes.

Como o único repórter de setor dos jornais cariocas, destacado na mais movimentada Delegacia do país, eu me multiplicava, perfazendo um total de oito jornais, que publicavam sempre na primeira página as minhas matérias, muitas delas fora da esfera policial.

A cidade era um pajol interessantíssimo para um repórter que amasse a profissão. Contratei um fotógrafo — Sebastião Sabino da Silva — que veio substituir o Milton de Almeida, proprietário do Foto Fluminense, situado na Travessa Manuel Corrêa, muito ocupado com o seu estúdio e temeroso das consequências das manchetes, nem sempre agradáveis para os grandes do município.

Eu e Tião, diariamente, desde às primeiras horas, corríamos Caxias de ponta a ponta, não havia papel que chegasse para as minhas anotações, filmes para a máquina de Tião.

Um dos quadros que chamou a minha atenção foi "Casa de Pobre é Esqueleto de Ônibus":

"Um ônibus, em Caxias, já foi tudo, inclusive moradia alugada como qualquer casa modesta de subúrbio.

Quem vai à Coréia Fluminense, logo depois da barreira de Vigário Geral, tem a atenção voltada, fatalmente, para uma carcassa de ônibus, situada à margem de um braço de mar. Está dividida como qualquer residência, sala, quarto e cozinha. O quintal é um vasto banheiro, terreno abandonado, plano, pertencente ao Ministério da Marinha, ao lado da antiga Estrada Rio—Petrópolis.

Na improvisada moradia, o repórter encontrou, certa vez, um casal de operários, Claudionor da Silva e Maria Filomena. O aluguel era de cem cruzeiros mensais. Mas, como se atrasara no pagamento, Claudionor andou em maus lençóis, visto que seu senhorio ameaçou intentar uma ação de despejo.

Como uma desgraça vem sempre atrás de outras, o operário perdeu a companheira: Maria Filomena, quando ia buscar água, foi morta por um veículo, na antiga Estrada Rio—Petrópolis.

Claudionor juntou os cacarecos, levantou um barraco no Mangue, em Caxias, e arranjou outra mulher.

Outro casal foi habitar na carcassa do ônibus: Henrique Ciriaco Leira, de 42 anos, casado, vendedor ambulante de frutas, e Luzia Galdino do Nascimento, de 29 anos, solteira.

Os dois ali chegaram, de mansinho, e se instalaram sem que o dono da "casa" percebesse.

Manuel Pereira Gomes, conhecido por "Mané Campista", é o homem da ação de despejo (1º). O repórter custou muito a localizá-lo. Soubemos que ele fazia "ponto", com uma carrocinha de laranjas na Praça do Pacificador. Fomos atrás do homem e nos surpreendemos com um conflito num bar. (2º)

Um sujeito baixo e truculento exigia o pagamento de umas laranjas. Era "Mané Campista". Pouco depois estava ele entregue a um "bate-papo" com o jornalista. É um falastrão. Conversa muito, mas não gostava de falar no esqueleto do ônibus. Por insistência nossa, revelou:

— Comprei aquilo, já fora do uso, anos atrás, por quatrocentos cruzeiros. Tirei todos os metais, tudo que fôsse aproveitável. Nesses objetos ganhei mais de mil cruzeiros. Fiquei, depois com um problema: o que fazer da carcassa? Lembrei-me do meu velho amigo Juca, que pagava à Marinha uma taxa de Cr\$ 42,80 para poder atracar suas barcas na praia, perto da ponte. Ele costuma trazer, não sei de onde, pólvora e fogos de artifícios, por via marítima, pelo Canal Meriti. Consegui de "Juca", autorização para colocar o ônibus junto ao braço de mar. Um caminhão arrastou a carcassa. Até me esqueci depois do tal ônibus. Um dia, soube que um casal, arrombando a porta, se aboletara lá dentro. Fui até lá e entrei, então em acôrdo com Claudionor. Ele me pagaria cem cruzeiros por mês e no fim de seis meses a casa seria dêle. Claudionor me deu apenas duzentos cruzeiros. Nunca mais desembolsou um tostão. Reclamei por diversas vezes o pagamento do aluguel,

(1º) Publicado em «O Dia», em 1953. O esqueleto de ônibus em 1963 convertera-se em ponto de jogo de bicho de «Cravo da Sorte», de propriedade de Arnanão de Belo França Hoje, em dia, regressou a sua condição de simples moradia.

(2º) Manuel Pereira Gomes, o «Mané Campista»: residiu durante muitos anos, numa meia-água, atrás da residência do Prefeito Braulino Matos Reis e depois na Vila Operária, entrando em questão com o Sr. Barbosa, do Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade.

## SANTOS LEMOS

mas sempre encontrava o homem bêbedo como um gambá. Certa noite, com meu amigo, Dr. Lício Fonseca, preguei um susto no inquilino. Ameacei o homem de ação de despejo, se não me pagasse. Foi o bastante para que ele espalhasse por toda a Caxias que eu contratei advogado para despejá-lo, para botá-lo para fora. Isso é ridículo e impossível pois a "moradia" nem ao menos está registrada.

Claudionor abandonou a carcassa do ônibus pouco depois de sua companheira morrer. Estava profundamente desgostoso. E temia a ação de despejo...

O ônibus é de mau agouro. Pertencia à Viação Gramacho. Houve violenta colisão e o veículo ficou imprestável. Foi vendido. A mulher do primeiro "inquilino" morreu. O outro morador, Henrique Ciriaco, acabou atacado de tuberculose. Foi para o hospital. Sua companheira, Luzia Galdino do Nascimento, lá também não vai demorar ao que tudo indica, pois malandros já converteram a "moradia" em cassino, com jogos de cartas e dados.

Galos e galinhas já fizeram ali também o seu poleiro..

Mas o motivo principal de Caxias viver nas manchetes de jornais residia em seus crimes, na Delegacia — o 311 — e no Deputado Tenório, o "Homem da Capa Preta". E entre estes dois poderes, estas duas forças sempre em luta — polícia e Tenório — estava o...

### "PARALELO 39". (1º).

"O Café e Bilhares Líder, seria um botequim como outro qualquer, em Caxias, não fôsse uma circunstância especial que o consagrou como o "Paralelo 38". É que, quando o tempo fecha e os outros bares cerram as portas em meio ao pânico e ao terror, o "Café e Bilhares Líder" permanece aberto, conquistando a melhor freqüência. Quase ao lado da delegacia e com os fundos voltados para a fachada da residência do Deputado Tenório Cavalcanti, o bar fica situado na Av. Plínio Casado, próximo à esquina

(1º) Publicado em «O Dia», em 1953

com a Rua Pinto Soares, ou seja, na zona ultra perigosa. Está assim, entre dois fogos. Se as balas começam, ao contrário dos outros estabelecimentos, o bar tem as suas portas bem escancaradas. Enquanto as ruas vão ficando cada vez mais desertas, o gerente da casa encomenda maior quantidade de pão, carne e outros comestíveis, porque a verdade é que a freguesia cresce à proporção que aumenta o barulho. Os curiosos para lá convergem para espiar melhor. Parte da freguesia é constituída de repórteres, fotógrafos e até mesmo de policiais famintos. São tantos os fregueses que as cadeiras, às vezes não chegam. E tudo quanto é "encalhe" é vendido a bom preço. Numa só noite, chega-se a vender o que, em certas épocas, não se consegue fazê-lo durante toda uma semana.

O proprietário do bar é o Sr. José Batista da Cruz, residente no Rio, à Rua Estácio de Sá, número 19. O gerente, Sr. Ermínio de Souza a uma pergunta do repórter, disse:

— O patrão nunca vem aqui. O bar fica entregue a empregados de confiança, um durante o dia e outro durante a noite, Humberto Pestana e Manuel Barbosa. Eu fico mais ocupado com o cinema Líder, do mesmo dono e que fica no mesmo prédio, em cima do café.

O gerente mostra-nos os altos do prédio, de onde se chega a divisar, apesar dos altos muros, o interior da casa de Tenório.

O Sr. Ermínio sorri, como que a dizer:

— A polícia ainda não se lembrou deste ponto "estratégico..."

O "Café Paralelo 38", quando do cerco à residência do deputado, esteve cheio como nunca. Foi uma grande noite. Não havendo um outro bar ou restaurante aberto, faziam-se as refeições em pé, na copa apinhada de gente que abrangia desde os abelhudos repórteres aos populares temerários que teimavam em ver de perto quem daria o primeiro tiro e em que pé ficaria aquela "briga de brancos"...

Tenório leu a reportagem e chamou o Sousa, o gerente, para falar daquele "ponto estratégico", o Cinema Líder. E juntos foram examiná-lo, apesar do coitado do gerente jurar por todas

## SANTOS LEMOS

os santos que ninguém lá subia quando não havia sessão. Mesmo assim, Tenório botou um homem de sua confiança de olho do sobrado em frente à sua residência...

Mas o povo, mesmo, de Caxias, estava sempre alheio aos acontecimentos. O perigo vinha do Norte ou do Nordeste, ou então da própria Secretaria de Segurança. O povo era ordeiro e pacato, trabalhando no Rio e dormindo em Caxias, quando os tiroteios permitiam.

Não é de hoje que Caxias sofre de má fama. E quase ninguém mais se lembra de que ela serviu de berço ao Patrono do Exército Brasileiro. Só no dia 25 de agosto é que isto é propagado. Caxias era lugar de crimes, de capangismo — do tiroteio, da morte atrás do toco. Do despoliciamento. De prêso que sumia do xadrez e que não aparecia morto ou vivo em lugar nenhum. A cidade era de ninguém. Ser de Caxias, estar em Caxias, vir de Caxias — tudo que se ligasse a ela, era motivo de ironia, de comentário chocho, que serviam para desmoralizá-la mais ainda. Em Caxias, a lei era da pancada, nem sempre nas costas certas. As autoridades locais, estaduais, federais, nada faziam: o jogo proibido no país, ampliava-se em Caxias, de maneira quase oficial. Nada fizeram: são donos de grande culpa no cartório, alguns foram perversos demais, todos, porém, explicaram seus feitos, dando suas versões, algumas lógicas e cabíveis, outras verdadeiramente absurdas. Porque com a morte do Delegado Albino Imperato e do pistoleiro Arnaldo "Bereco" voltaram os jornais a difamar a cidade, chamando-a de Coréia.

Fundada por velhos homens, de condição humilde e religiosa, sem pecado na intenção, aquela cidade continuou a edificar-se por filhos e netos, como as famílias Lomba, Vieira, Lopes Martins, Maria Jorge, Teles, Corrêa e muitas outras. Então por que se perdeu o povo? Por culpa da cidade?

A cidade está inocente. São culpados uns poucos homens, indignos dela, e que nem a ela pertencem, apesar de nela viverem. Não são parcelas de seu povo. E o povo de Caxias, simples e humilde, sem muitos meios, mas de conversa boa e com alegria, respeitador e bom — ainda não se perdeu, como perdidos estão aqueles poucos homens.

E jamais pretende perder-se. Fica por cima dos intocáveis, trágicos e vergonhosos acontecimentos.

Quem chegasse a Caxias, nos idos de 53 a 58, descia na Estação Ferroviária da Leopoldina ou na Praça do Pacificador, mes-

mo quando esta era mata puro, convicto que estava correndo perigo, pois a qualquer momento podia romper um tiroteio e o povo sair correndo, desabalado de terror, sem saber direito para onde. O visitante avançava, desconfiado do gesto, das palavras, da alegria das pessoas a quem vai conhecendo. Estar em Caxias, uma temeridade!

Mas pelas ruas de Duque de Caxias, que a sabedoria do povo simplificou em Caxias, aconteciam as coisas de todos os dias aí, como em qualquer cidade do mundo, sobretudo nas de província. Exemplo: uma farmácia, situada na Av. Nilo Peçanha, vender comprimidos para o fígado a retalhos. Quem chegar ao farmacêutico, pedindo:

— Um VI-Sineral, por favor!

Em setembro de 1953, os chamados "últimos acontecimentos" — o tiroteio na Associação Comercial e a conseqüente morte do Delegado Imparato — não afetaram o comércio — foi a opinião da mesma Drogeria, conforme publicação em "O Globo", na época. A "Ótica Machado" não teve prejuízo, mas o gerente achou que o povo se retirou, fato bastante natural.

— O povo não é medroso, mas não gosta dessas coisas...

O pasteleiro de 12 anos, mas já tão cheio de experiência, louro e magrinho, passava gritando. Era a vida. Estavam saindo do colégio — Ginásio Santo Antônio — as meninas, ou quase, assim fardadas elas pareciam mais crianças, como de fato, eram ainda. O sorriso daquelas quatro meninas-moças desbrochando, só acontecia dentro de uma cidade. Estavam do lado do defunto, isto é, torciam pelo Delegado Imparato. Perderam.

Contou-me outra moça, que veio de outro grupo para o nosso, que era grande a torcida a favor de Imparato, naquela última noite dêle, mas ainda assim nem adiantou.

— A nossa conselheira disse hoje que não adiantou nada a reza daquela noite, pelo falecido porque nem vai ser vingado.

Os homens de Caxias não eram desconfiados. Estavam cansados de tanta polícia, de tanto tiroteio, de tanta política, de tanta morte. E a cima de tudo de tanto ver o nome da cidade ligado a fato policial.

Quando perguntei a um velho vendedor de pipocas o que êle achava da vida em Caxias, respondeu fazendo piada:

— A tal..

Fêz pausa e continuou:

— A talvez.



## SANTOS LEMOS

Sabia que êle ia continuar e esperei.

— A tal vestida.

Achei excelente e sábia, embora hermética demais esta resposta do velho homem que vendia pipocas.

O vigário da Paróquia era um bom homem. Estava um pouco envelhecido, apesar de ainda robusto, do volumoso e rijo corpo que vai transportando da Casa Paroquial para o Templo, e vice-versa, na Rua José de Alvarenga. Também estava exausto, acaso também desiludido com certo membro da Paróquia, um político que morava algumas quadras adiante da Igreja. Prometeu a si mesmo não dar mais uma palavra a jornalista sôbre os "últimos acontecimetos", conforme declarou, decidido e ligeiramente enérgico, assim que a porta se abriu, embora nenhum pedido lhe houvesse sido feito. Achava o Vigário, que as palavras saem diferentes quando impressas do que foi dito, mesmo que estas palavras sejam as mesmas. E pronto.

Santo Antônio, de seu altar, viu o que lá embaixo acontecia. Entreguei o caso ao Santo grande amigo de Caxias, por cujos moradores era muito amado. Dêsse amor encontrava-se na Casa de Saúde que tinha — e ainda tem — o nome do Santo, num café na Av. Nilo Peçanha, também Santo Antônio, sem falar no Colégio, que já foi citado.

Na cidade em que uns poucos e pobres homens gostavam de dar tiros e de matar, havia pessoas que gostavam de rezar, de conversar com Jesus Cristo, com o Santo ou com a Santa predileta. Como fazia a jovem surpreendida, sôzinha na Igreja, ajoelhada no primeiro genuflexório.

Talvez estivesse pedindo mais amor para a sua cidade.

Nas Lojas Pernambucanas, mostrou a balconista que trabalhar era bom, quando o trabalho era feito com alegria, com prazer. Além de mais, trabalhar dava "energia e vigor", disse ela com sorriso claro, mais claro porque era contra pele negra. Simpática e trabalhadora, disse ela que se dava muito bem com todos, porque... — Aqui em Caxias, o povo é muito igual... revelação que tem a sua importância.

As intenções do povo de Caxias, de então, declaradas em sua praça, talvez tivessem sido contrariadas pelos fatos da época, que não revelaram nenhuma inclinação no rumo da paz. Além da Praça, também o "Café e Bar" da esquina, já o cinema era a própria imagem da conquista: Cine Paz.

A propósito: nos dias que se seguiram à data de 26 de agosto de 1953, era projetada no "Cine Brasil", o filme "Fronteiras de Fogo", e no Caxias, "Entre o Crime e a Lei", fato que merece registro.

Os estudantes de Caxias, por volta do meio-dia, foram todos juntos, ainda que estudavam em colégios diferentes, levar ao túmulo o corpo de Nelson, colega deles todos e de muitos outros que, por motivos de força maior, não puderam comparecer à despedida. Nelson tinha apenas 12 anos, seu corpo apenas começava a florescer, quando numa manhã, preparando-se, com os colegas para homenagear a Pátria, no próximo aniversário de sua Independência, — veio o automóvel, — bem em cima deles, muitos ficaram feridos, Nelson Fraga não ficou. Foi-se embora, levado por todos os colegas que caminhavam tristes, todos de cabeça baixa e de braços cruzados, enquanto um menino, talvez pensando que Nelson o escutava, batia o tambor, uma pancada, passava um tempo longo, depois outra, depois outra, mais fúnebre e dolorosa, à medida que o entérro se distanciava, foi ficando mais distante, mais apagada, mais triste. Como a tristeza que, passado o entérro, ficou sobre a face e dentro do coração dos homens, dentro do coração da cidade.

O entérro passou pela Av. Plínio Casado, pela porta do 311. O Delegado Wilson Frederici que tinha o motorista prêso em flagrante, gritou para o escrivão Lacerda:

— Fiança para ele é o máximo: cinco mil!

O pai do motorista se virou, arrumou o dinheiro, pagou. E ficou por isto mesmo, pois em Caxias nunca um profissional do volante pagou pelos seus crimes.

Final, já de regresso, às portas da cidade, surgia à frente do visitante de então, uma casa, nova, sinal de vida, crescimento da cidade. Com muitas janelas, abertas para a tarde, que começava, com vasos de flôres, a grande árvore no quintal, roupas estendidas na corda, para que ficassem bem alvas, os moradores dentro de casa, a casa plantada na terra boa e generosa da cidade.

Caxias era — e é — dividida ao meio pela linha férrea. Do lado direito, ficava o "Ponto de Briga", na Vila São Luís. A casa do Prefeito, erguida no alto de um morro, sem arquitetura, bastante caótica, mas curiosa. Dêste lado estava o mais novo bairro da cidade — 25 de Agosto — onde as construções eram numerosas e se faziam com grande rapidez. Do outro lado, do esquerdo, estava a Delegacia, o 311, bem próxima à residência do Depu-

## SANTOS LEMOS

tado Tenório, construção frágil de mais para merecer o título de "Fortaleza", que lhe deram. Dêste lado, já se encontravam o Cemitério do Corte Oito, a Praça do Pacificador, a Praça 23 de Outubro, a Praça da Estação, além da Matriz Santo Antônio, com sua linda e branca fachada, na Rua José de Alvarenga, do lado direito de quem entra na Av. Nilo Peçanha. Ficava a Prefeitura na Av. Rio—Petrópolis, em frente a um bordel, uma casa de criações de idéias avançadas e um tanto ou quanto livres demais... Na Av. Nilo Peçanha, situava-se o maior comércio da cidade, com exceção do da Travessa Manuel Corrêa, avenida sempre movimentada e cheia de gente.

Relate-se, finalmente, o seguinte fato: numa banca de jornais, situada na referida avenida, esquinha com a Rio—Petrópolis, colocara o jornaleiro, em local alto e bem visível, uma revista aberta justamente na página que contava, fartamente ilustrada, a morte do Delegado. Durante cerca de 15 minutos, ninguém se deteve a olhar as fotografias. A não ser um rapaz, de expressão distante e vaga, que olhou durante meio minuto, virou o rosto e foi-se.

Por mais que eu estivesse atento, aproximando-me até com exagêro de grupos que por ali conversavam, não ouvi uma só palavra em torno dos "últimos acontecimentos"...

## CAPITULO XV

### OS PRESOS

No 311, residência, caindo aos pedaços, convertida em Delegacia de Polícia, o xadrez era uma antiga cozinha, esticada em um corredor, de oito xadrezes, quatro de cada lado, mandado construir pelo Dr. Amyl Ney Rechaid, com material doado por amigos e com o dinheiro da contravenção. A antiga cozinha era o xadrez especial, para os protegidos pela lei ou pela polícia. As vítimas, masculinas ou femininas, adultos ou crianças, eram trancafiadas nos infectos cubículos, com uma latrina, sem vaso, ao rés do chão, sempre entupida, nauseabunda e mal cheirosa. Cabiam, quando muito oito pessoas. Havia sempre 12 ou 15, todos amontoados, uns com culpa, outros inocentes, em revoltante promiscuidade, verdadeira fábrica de bandidos e de pederastas.

No xadrez, por alma e graça de carcereiro Mery ou dos "alcaguetes" que também faziam o papel de São Pedro, entrava tudo: arma e maconha. Não uma "45", mas sim faca e punhal, não, quilos de erva, mas "baseados", ocultos nas vestes ou na comida.

Pelo menos uma vez por semana, um prêzo saía do xadrez para subir ao cartório, a fim de ser autuado outra vez: esquecera um companheiro de infortúnio, por causa de comida, ou porque pretendia que êle fizesse o papel da mulher. Às vêzes, velhos desafetos, no sub-mundo do crime, no cubículo se encon-

travam e ali mesmo tiravam as suas diferenças. O agressor era punido pelos policiais que o descadeiravam a cacete, ou então era mais um prêso que desaparecia misteriosamente, cujo paradeiro eu nunca descobria, por mais que procurasse. O cadáver não aparecia ao longo da Rio—Petrópolis e nem no leito da linha férrea. Simplesmente sumia...

\*

"Chibanca" era um maconheiro, cuja primeira prisão, foi em seu tempo de soldado do Exército, no interior de um ônibus em plena Capital da República, fumando maconha. Expulso das Fôrças Armadas, voltou para o bairro do Centenário, onde mais de que nunca assaltou e traficou com maconha. Acabou cometendo um homicídio, sendo prêso pelo investigador José Antelo Reis debaixo da mesa da cozinha, coberto por um pano bordado.

Atuado em flagrante, ficou nas grades, aguardando julgamento. Era um prêso insubordinado, desdita para o carcereiro Francisco Nascimento, que ficava com mais cabelos brancos, com seus desaforos e desatinos. "Chibanca" provocava os companheiros e os policiais, promovendo verdadeira guerra, mesmo no interior do xadrez, contra o carcereiro.

De uma feita, atirou fezes das privadas entupidas pela grade do corredor no coitado do velho Nascimento, que se entrincheirava atrás da mesa da carceragem. Os detritos se chocavam de encontro à parede, espalhando-se. As pessoas que se encontravam na delegacia afastavam-se, de dedo no nariz, enjoadas, enquanto o turbulento maconheiro, gritando palavrões, desafiava Deus e todo o mundo.

Tudo isto, terminou por contrariar o ancião, de cabelos brancos como São Pedro. E se este é o chaveiro do céu, de onde ninguém quer sair, Nascimento o era do 311, de onde todos queriam escapar. Resolveu, portanto, deixar o xadrez aberto, possibilitando a fuga do revoltado prisioneiro, mas ficou do lado de fora, de arma na mão, escondido atrás da mesma mesa. E aguardou a tentativa de fuga de "Chibanca" para matá-lo a tiros. Para todos os efeitos, um zeloso carcereiro impedira a fuga de um perigoso prisioneiro. E os outros presos? Bem, aproveitaram a confusão...

"Chibanca", liderando os companheiros, aproximou-se sorrateiramente, pé ante pé. Vinha com um chucho na mão, fabricado de uma colher, raspando-a na parede. Precavera-se, por-

## SANTOS LEMOS

tanto, disposto ao que desse e ao que viesse. Passou pelo corredor e entre-abriu a grade que dava acesso à carceragem. Meteu a cara e desconfiou de algo. Pobre quando vê muita esmola, desconfia. E "Chibanca" viu muita "sopa" naquela fuga. Recuou, enquanto alguns companheiros ganharam a carceragem. Súbito, o velho Nascimento surgiu de trás da mesa, de arma em punho, mandando-os voltar. Não atirou, pois a êle só interessava a morte daquele desordeiro que lhe tinha jogado nomes e fezes.

"Chibanca" naquela noite escapou de morrer, mas também não demorou muito para desaparecer. Sumiu misteriosamente do xadrez. Dias depois "Cabeleira" e seu irmão foram mortos pela polícia perto da Caixa D'Água, tendo "Chibanca", dado como foragido, levado a culpa. E, aí, mais do que nunca, evaporou-se e evaporado se encontra, até o dia de hoje. Uns dizem que está prêso em Niterói, ou na Guanabara, outros que tomou o mesmo destino de muitos outros. Mas não foi para a Rio—Petrópolis ou para o Canal Meriti. Estes presos que desapareciam misteriosamente, tomavam um outro destino — vivos ou mortos — que eu não conseguia descobrir.

XVI

**A CISTERNA DA MORTE**

No "Paralelo 38", numa mesa de mármore, eu consumia um cálice de "Genebra" com uma garrafa de cerveja. Lá fora, a vida trepidava sob um sol quente de verão.

Mormaço. Calor que queima, calor que sufoca. Transpiração. Cigarro com paladar exótico. Mósca zunindo na calícula e o resto era um silêncio que persistia em pairar no ar. Súbito, não muito longe, alguém perturbou:

— E vem mais um negro em cana!

Delegacia de Polícia de Duque de Caxias em 1958...

Acendi um cigarro. A fumaça que se desprendia moldurava figuras disformes de presos espancados e de "alcaguetes" cruéis. E lembrei-me então do local de onde meia hora antes viera, de um menino de dois anos, afogado no poço aberto do quintal de sua residência. Mãe em desespero, pai ausente no trabalho, vizinhos solícitos, consolando, gritando também. Ernani Martins dos Santos chegara com a sua ambulância branca. (Porque branca, quando deveria ser negra?)

Apanhara o menino já do lado de fora, calmo, com a maior naturalidade, com quem apanha um saco de batatas, sem sentir a dor da negra desesperada, sem sentir a solidariedade das vizinhas — quantas vezes elas já discutiram? — sem sentir nada,

SANTOS LEMOS

nem sequer a catinga que se desprendia do monte de lixo, ao lado do pequenino cadáver e do poço aberto.

Poço... cadáver... lixo!

Lixo... cadáver..., poço!

Levantei-me de súbito. Sousa, detrás do balcão, gritou:

— E a despesa, Santos Lemos? Bota na conta, também? Olhe, que já está alta!

Passsei correndo pelo armarinho, pela "Alfciataria Três Estrêtas", pelo escritório do Chuf. Contornei a Delegacia e me embarastei pelo quintal.

E ali debruçado nas bordas do poço, ajoelhado como a elevar uma prece, aspirei aquela gruta de Apocalipse, cheia de detritos, com a força de minhas narinas sensíveis.

E então, do interior da cisterna da morte, surgiu o cheiro inconfundível de cadáver!



## INDICE

	PÁG.
Apresentação .....	9
Caxias — Santos Lemos; Duque de Caxias — Silbert ..	11
Prefácio .....	13
O Vendedor de Queijo .....	15
O Canal do Morte .....	19
Tenório Cavalcanti .....	25
Os "Alcaguetes" .....	31
Os Investigadores .....	37
Os Comissários .....	43
Os Sub-delegados .....	47
Os Delegados .....	55
Os Escrivães .....	65
As Prostitutas .....	71
Os Lupanares .....	83
Os Jornalistas .....	87
Os Políticos .....	95
A Cidade .....	101
Os Presos .....	111
A Cisterna da Morte .....	115

